

Cumbuca

Aracaju - Ano V • Nº 15 Setembro/17 • R\$10,00



ISSN 2317-5117



9 772317 511005 00006



EDISE



Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design GráficoAdriano Mendes
Agência Teaser
Breno Ilan
Cícero Guimarães
Felipe Ferreira
Gabi Etinger
Guto Arcieri
José Clécio**Revisão**

Yuri Gagarin

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Murilo Mellins (memorialista) • Mário Britto (marchant) • Antônio da Cruz (artista plástico) • Djenal Gonçalves Filho (jornalista) • Cândida Oliveira (jornalista)
Ronaldson Sousa (crítico de arte) • Maria Adélia Mota da Silva (professora) • Udilson Soares (poeta) • Anthony Ribeiro (poeta) • Nestor Amazonas (jornalista)
Thiago Fragata (pesquisador) • Adailton Andrade (pesquisador)

Cumbuca

Ano V | Número 15

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020

**Governo do Estado de Sergipe****Governador**

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto

**Serviços Gráficos de Sergipe****Diretor-Presidente**

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Filadelfo Alexandre Silva Costa

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

A décima quinta edição da Revista Cumbuca se inicia com um texto sobre a impermanência do assovio melodioso nas ruas da cidade. Escrita por Murilo Mellins – decano entre os nossos colaboradores – a matéria discorre saudosa sobre um tempo em que o assovio melódico era um costume elegante entre os jovens e servia para galanteios amorosos entre os jovens, numa Aracaju de ruas pacíficas e tranquilas serenatas.

Na mesma edição, o jornalista Djenal Gonçalves Filho – uma grata revelação no jornalismo sergipano – trata da velha dúvida sobre a existência de uma culinária essencialmente sergipana, abordando com humor e conhecimento os mais arraigados hábitos da nossa cozinha, o de comer ancestral que ainda resiste nos recônditos fogões dos nossos lares.

Outra jornalista, Cândida Oliveira, resgata em preciosa reportagem os retratistas de rua, os Lambe Lambes que tanto serviço prestaram à apreensão da feição sergipana e que desapareceram da nossa paisagem, tangidos pela evolução tecnológica e popularização da arte fotográfica.

Cumbuca 15 honrosamente publica a acurada apreciação crítica de Maria Adélia Mota da Silva sobre o a obra “Essa Menina”, da sergipana Tina Correia, um livro lançado recentemente que vem se destacando nas estantes da principais livraria do país e recebe elogiosas apreciações de grandes figuras do universo literário brasileiro.

Aqui, também, o leitor encontrará uma mostra da produção artística dos pintores Creck Leão e Anselmo Rodrigues em matérias produzidas, respectivamente, por Antônio da Cruz e Mário Britto e a meritória batalha do compositor Sergival, defensor irredutível da nossa música de raiz e forrozeiro por excelência, escrita pelo poeta Ronaldson Souza.

Num texto esperto e revelador, o jornalista Nestor Amazonas discorre sobre os primórdios da Televisão em nosso estado; já os poetas Antony Ribeiro e Udilson Soares apresentam aos leitores uma mostra da sua produção poética.

Contribuindo com a anotação da nossa história o pesquisador Thiago Fragata revela-nos o pioneirismo do sergipano Antonio Xavier de Assis – avô do atual conselheiro de Contas Carlos Pinna - que instalou, no remoto ano de 1907, a primeira livraria em Sergipe.

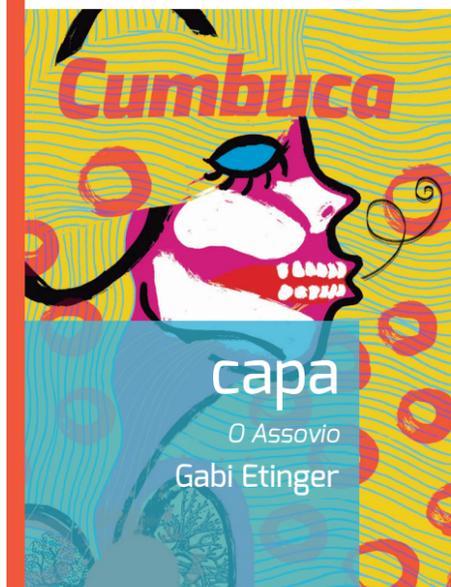
Finalmente, o pesquisador Adailton Andrade destaca a importância histórica da cidade de Rosário do Catete, enumerando grandes figuras da nossa vida social e política que lá nasceram.

Assim prossegue a Revista Cumbuca, publicada pelo governo estadual através da Edise/Segrase, cumprindo o compromisso a que se impôs desde o seu primeiro número: o de reunir e divulgar informações sobre a nossa diversidade cultural, desde a sua ancestralidade à produção contemporânea da inteligência sergipana.

Boa leitura.

Amaral Cavalcante - Editor

io
ar
m
s



O Assovio
Murilo Mellins



04



12

O simbolismo
nas cores de
Creck Leão
Antônio da Cruz



18

Anselmo
Rodrigues
Mário Brito



24

O de cumê sergipano
Djenal Gonçalves Filho



32

A fotografia lambe
lambe em Aracaju
Cândida Oliveira



40

Sergival - festa de
cabra bom
Ronaldson Souza



56

Quando a TV não
tinha medo de
morrer
Nestor Amazonas



70

Rosário do Catete e
a história política
de Sergipe
Adailton Andrade

46 - O almanaque da memória
Maria Adélia Mota da Silva

52 - Poesia
Udilson Soares
Anthony Ribeiro

64 - Xavier de Assis e
a livraria Brasileira
Thiago Fragata



Assobio

“Assobio é a produção de som de altura definida a partir da expiração constante através da boca.

O ar pode ser direcionado pela língua, lábios, dentes ou dedos para criar a turbulência necessária a geração do som.

A boca serve como caixa de ressonância para reforçar o som resultante.”

Murilo Mellins

Ilustrações: Gabi Etinger



O assovio também pode ser reproduzido utilizando as mãos como caixa de ressonância, o Emborá;

Assovio com os dedos é o assovio-curto e estridente usado pra chamar a atenção de alguém ou aquele que se ouve nas aglomerações, nos teatros, nos circos, para apupar ou aplaudir a manifestação dos promotores dos espetáculos.

Nessa crônica abordarei o assovio musical melódico, forma de comunicação muito usada quando ainda não existiam os métodos eletrônicos de comunicação e que hoje se ouve raramente como satisfação pessoal. Assovio melódico é aquele som agudo prolongado e contínuo que são ouvidos na execução das músicas;

Existiam os assoviadores profissionais e os amadores que executavam peças musicais ou trechos de melodias.

O assovio não tem escrita, não possui partituras e os assoviadores tocam as melodias em arranjos musicais improvisados;

Hoje, nesse mundo barulhento o que se vê é quase a totalidade dos jovens andar pelas ruas com fones nos ouvidos, escutando música, trocando mensagens vindas dos modernos Iphones. Não mais se assovia ou se ouve assoviar como naqueles bons tempos que em todos os lugares assoviávamos ou ouvíamos assoviadores;

Na Barbearia, o barbeiro empunhando a Tesoura Corneta ou Navalha Solingen, enquanto aparavam nossos cabelos ou/e nos barbeavam, assoviava baixinho uma canção em moda tão próximo de nossa cara, incomodando-nos muitas vezes com a má interpretação e respingo de saliva de seu mau hálito;

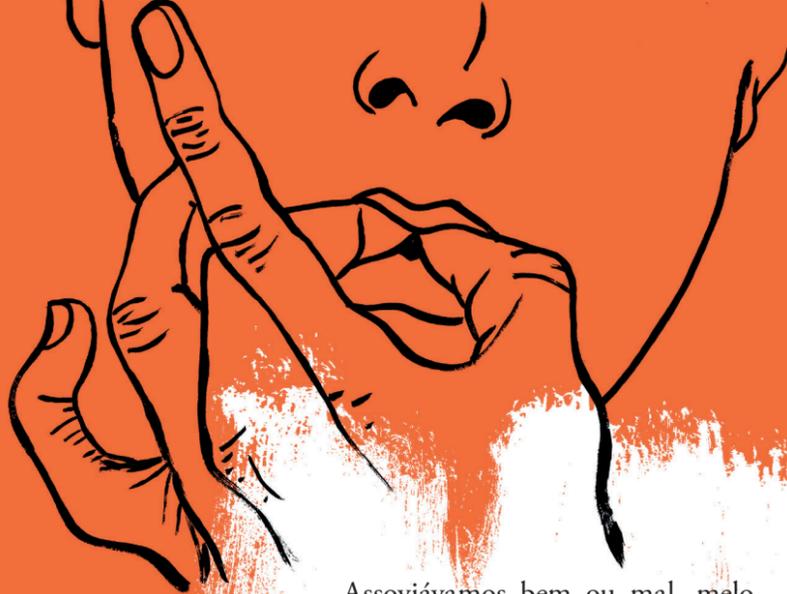
O engraxate, enquanto lustravam nossos calçados, assoviava ao ritmo das escovas uma música de Teixeira ou de Pedro Raimundo;

Na Sorveteria Primavera, o querido garçom “Bebé” no seu jeito maroto atendia os fregueses amigos, tamborilando na bandeja, gingando enquanto assoviava um samba de breque de Moreira da Silva ou de Jorge Veiga.

O propriaense conhecido como Cachorrinho, assoviador compulsivo, e correio ambulante, andava assoviando pelas ruas do Centro de Aracaju, enquanto fazia entrega ou recolhia encomendas a ele confiadas.

O amigo Serigy França exasperava-se ao ouvir o assoviar em linguagem tonal o som das palavras: “Jesus Meu Deus”...

Ou o assoviar malicioso, “Fiu-Fiu”, transmitindo o tom das sílabas, ouvido quando passava uma garota atraente que era recebido com um vaidoso sorriso, falsa indiferença ou uma grosseria;



Assoviávamos bem ou mal, melodias tocadas nos teatros e cinemas, marcando o compasso dedilhando numa caixa de fósforos ou batendo com a sola dos sapatos, muitas vezes incomodando madames e sisudos que esbravejavam: “Parem de assoviar! Esses mal educados parecem que estão numa capineira tirando capim”; Assoviar, nos faculta o poder de tocar música com o som que nós mesmos produzimos;

Assoviar esteve na moda. Mas estando na moda ou não, a verdade é que assoviar de forma delicada e talentosa não é para qualquer um porque também assoviar é uma arte.

”**Bicos de Ouro**” aracajuanos que com seus assovios encheram de sons e alegria naqueles tempos de boemia e romantismo, os bares, as praças, as ruas, os clubes, os cabarés, as madrugadas enluradas, lembranças que me fazem passear pelo passado, quando fico mergulhado num estado de êxtase.

Recordações de **Otto** ao assoviar “Trumpet Blue”, **Celso** (o Melódico) assoviando “Melancholy Baby”, **Bissextino** em um soprar harmonioso que se ouvia a distância, interpretava o samba sincopado “As Três Viúvas”, ou um samba de breque de sua autoria.

O maior dos assoviadores, **Said** o rouxinol sergipano, com seus floreados assoviava as difíceis peças “Moto Perpétuo” e “Rhapsody in Blue”. Nos festivais do Rio Branco, Cine Vitória, nos clubes, nas rádios, nas boates era ouvido e aplaudido

por uma legião de fãs. **Said** assoviava a todo instante e em todo lugar!

Os assoviadores perfeccionistas faziam exercícios de aquecimento da boca e treinavam a respiração;

Ouvi grandes assoviadores pelos rádios, disco e filmes como:

Tex Bennet saxofonista da Orquestra de Glenn Miller em solos magistrais assobian-do: “Chatanooga”, “Kalamazoo”, “Senedade in Blue”, “Moonlight Senenade”;

David Morris assoviador profissional inglês nos recitais transmitidos pela BBC de Londres acompanhado pela Banda de Metais “**Ashton Brass Band**”;

“Colonel Bogey March” com posição do **Tenente F. J. Ricketts** e tema do filme “A Ponte do Rio Kwai”, música assoviada por todo mundo daquela época;

No período da 2ª grande Guerra Mundial, frequentemente assoviávamos e ouvíamos assoviar o Hino da Marinha Norte Americana “**Cisne Branco**.”

Naqueles bons tempos em que todo mundo assoviava assoviava-se como se estivesse um instrumento na boca;

Na minha mocidade o assovio era um instrumento apreciado e utilíssimo além de ser barato e fácil de transportar;

Assoviar era um jeito intencional de identificar e achar amigos, assoviava-se um trecho de uma melodia e vinha como resposta o assovio da mesma música, acordada como senha.

Vi e ouvi na Associação Atlética de Sergipe em tempos passados a cantora Ângela Maria, acompanhada musical-

“Assoviar, nos faculta o poder de tocar música com o som que nós mesmos produzimos.”





“Dizia-se: Assoviar faz bem a saúde porque melhora a respiração e ajuda à desestressar.”

mente por grande assoviador carioca, interpretarem magistralmente a inspirada canção: “Serenata do Assovio” de cuja letra, lembro alguns versos, ei-los: **“Assobia Meu Amor, - Assobia pra Meu Bem, - Quando o Amor se For, - Assobia Que Ele Vem”**

Nos tempos imorredouros das **Big Bands** americanas de **Glenn Miller, Thomey Dorsey, Artie Shaw, Count Basie, Duke Wellington**, executando canções de Cole Porter, Jerome Kern, Irving Berlin, Gershwin, das orquestras brasileiras que tocavam as músicas de **Ary Barroso, Lamartine Babo, Sady Cabral, Dorival Caimy, Orestes Barbosa**, ouvidas, assoviadas e curtidas pelos jovens da época, serviram de inspiração para que escolhêssemos como senha para identificar grupo de amigos, parentes ou para anunciar que estávamos passando próximo a casa da namorada.

Recordações que guardo de canções que serviram como senhas para nossos encontros e momentos de idílio, tais como:

“**At Last**”, para Murillo, Marília e Decinho;

“**My Devotion**”, Murillo, Pinduca, Bissexto e João Mello;

“**Goodnight Sweet Love**”, “**Muller**”, “**I’ll Never Know**”, “**Star Dust**” foram senhas para as divas inspiradoras e amadas que habitaram os sonhos do meu

passado romântico, e hoje eternizadas em doces lembranças.

De vez em quando a saudade me transporta ao tempo dos assovios. Os mais antigos sabem do que estou falando.

Contar e relembrar alguns desses costumes é uma tentativa de resgatar o Aracaju provinciano com os seus encantos.

Dizia-se: Assoviar faz bem a saúde porque melhora a respiração e ajuda à desestressar,

Naqueles tempos, contava-se que um médico, depois de examinar escrupulosamente colocando sua orelha no peito do seu paciente, disse-lhe: **“O senhor tem um sopro no coração.”** Ele perguntou: **Dá pra assoviar um samba de Noel Rosa?**

E, de fato assoviou: “Tenho passado tão mal, A minha cama é um pedaço de jornal”.

Já não ouço nem vejo as pessoas passarem assoviando pelas ruas como os dias de minha juventude. A cidade era cheia de sons dos assoviadores.

O assovio não foi nem será totalmente banido na música, por ser instrumento maravilhoso que portamos e a qualquer momento podemos extravasar nossas recordações.

O assovio é um recado para a melancolia e um pedaço da minha memória.

E assim, assoviando vou levando a vida.

O SIMBO- LISMO NAS CORES DE *Crec Leão*

Por Antônio da Cruz

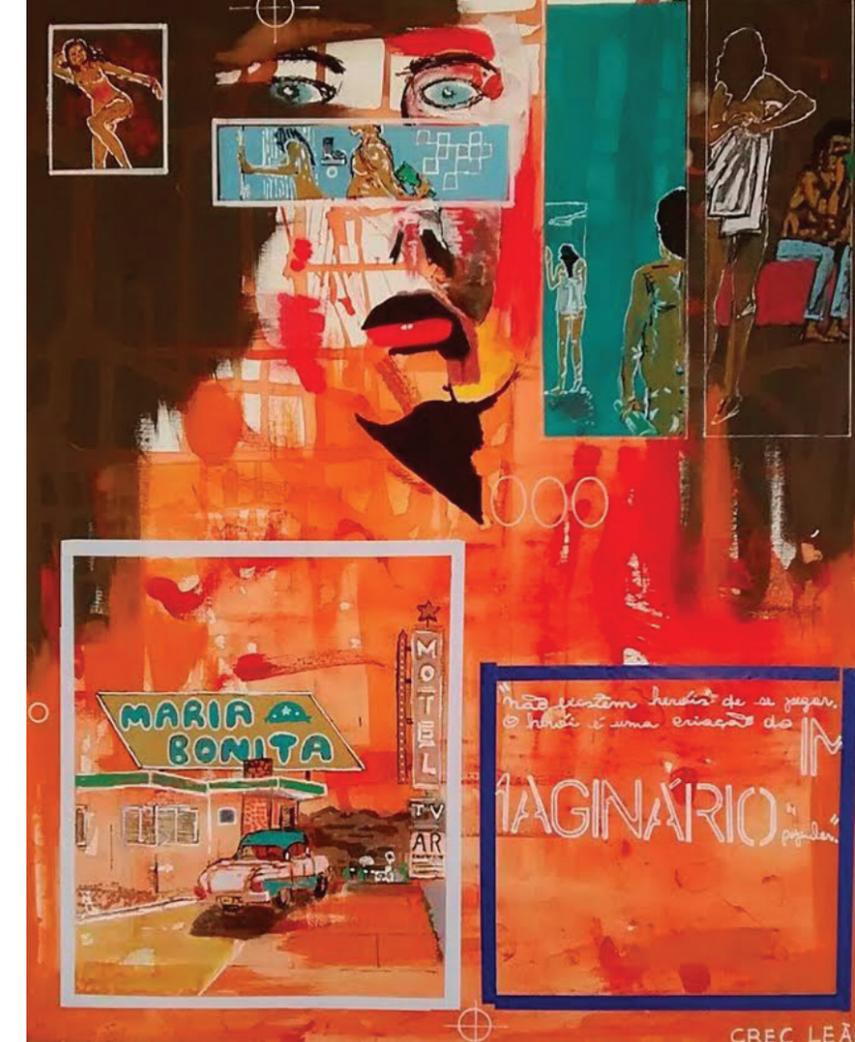
“O artista só é responsável por si mesmo e mais ninguém. Ele doa aos séculos vindouros somente suas próprias obras; só é fiador de si mesmo. Morre sem descendência. É o seu próprio rei, o seu próprio sacerdote e o seu próprio Deus.”

Baudelaire

O Artista e sua trajetória

O seu nome artístico nasceu de uma brincadeira, a arte que ele faz, porém, deve ser levada a sério. Seu nome artístico: Crec Leão, natural de Recife, Pernambuco, recebeu o seu registro civil, de cidadão como Silvio Rogério de Souza Leão. São Paulo foi a cidade que o viu crescer e Aracaju o acolhe desde 2009. Na sua narrativa o artista diz: “-Nasci em Pernambuco, mas minha família residia em SP. Minha mãe foi parir em Recife, porque minha avó era enfermeira parteira. De SP para Aracaju foi uma opção pela qualidade de vida, junto a uma oferta empresarial”.

O artista já traquinava com pincéis e tintas desde os 4 anos de idade. Nas primeiras atividades artísticas percebeu que poderia se utilizar de um recurso que estava ao alcance da sua mão: o lado branco do papel do maço de cigarros fumados pela sua mãe. O arteiro iniciante desenhava figuras humanas de perfil com um só braço, não tinha, então, assimilado a perspectiva, assim, o outro braço inexistia no seu desenho infantil. Um detalhe comum a vários autodidatas é a relação dele com as HQ - Histórias em Quadrinhos. Crec começou a desenhar por causa das HQ da Marvel. Outra situação também comum aos autodidatas é a formação solitária. Exercitava-se ao copiar os personagens em ação. Desenhava e recortava os



Banditismo

heróis, pois, dada às circunstâncias, não podia comprá-los nas lojas de brinquedos. Em três dimensões e bastante coloridos, os bonecos caracterizados de personagens de HQ até hoje fazem a imaginação da garotada dar saltos de alegria.

Ao longo do tempo Crec Leão foi incentivado pela família. Os parentes emolduravam seus desenhos e na escola era escalado para executar trabalhos que tinham a ver com desenho e pintura. Teve uma infância normal comparada às das demais crianças dos bairros populares, brincando na rua de esconde-esconde pelo quarteirão, de bicicleta e jogando futebol. Mas, a infância não foi só isto. “-Comecei a trabalhar aos 13 anos”, disse. Inquieto, Crec enveredou por outras linguagens artísticas. Aos 16 eu já cantava em uma banda de rock profissionalmente. Cantou, compôs e

escreveu letras musicais para várias bandas por 22 anos. Fez teatro, cinema, escreveu vários artigos para jornais e um livro a ser publicado. “O palco é o lugar que me sinto mais à vontade”, enfatiza o artista.

Iniciado nas artes visuais, Crec, não seguiu convencionalmente, como é de praxe na trajetória dos artistas deste segmento, que é iniciar participando de mostras coletivas. Uma vez tendo pintado por considerável tempo resolveu fazer a primeira individual na Rua do Turista, no centro comercial de Aracaju, em dezembro de dois mil e doze. É normal, inclusive, que a primeira individual demore bastante. Algo que faz parte do processo de maturação do trabalho. Mas esta maturação em Crec tem chegado com suas leituras e pesquisas sobre a história da arte e os experimentos pictóricos.

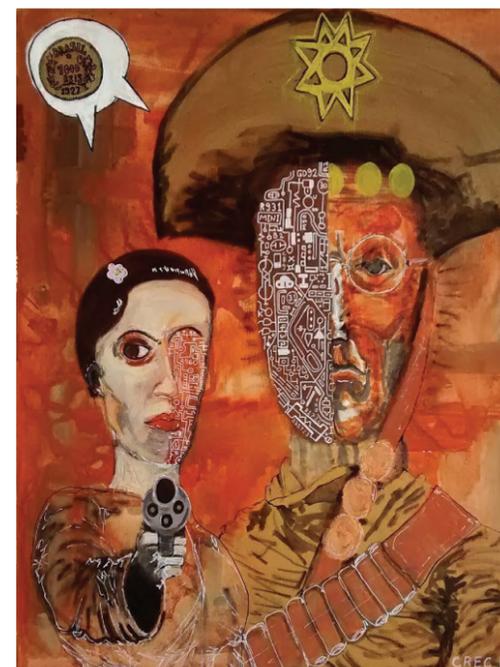
Daí se seguiram as coletivas e a primeira foi na agência central dos correios, organizada pela AAPLSA- Associação dos Artistas Plásticos de Aracaju.

A Obra, os Temas e a Técnica

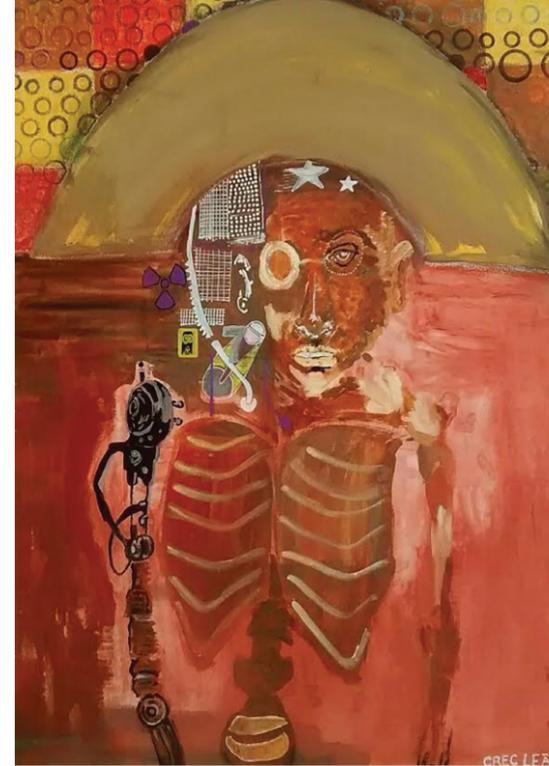
Em vinte e oito de maio de dois mil e dezesseis Crec estava inserido no “Projeto Ocupação, Antropologia, Arte contemporânea e Intervenção Visual”, uma intervenção urbana desenvolvida no âmbito da disciplina do Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe. O Projeto foi desenvolvido pelo Professor

Doutor em antropologia Lorenzo Bordnaro, que reuniu vários artistas no prédio abandonado da antiga Clínica Sta. Maria, no Bairro Siqueira Campos, Aracaju

Ali numa das salas o artista ambientou uma instalação cujo motivo era o mar. No início de 2017, Crec realizou a mostra no Museu de Sergipe inaugurando assim, a Sala do Cangaço. Ele apresentou ao público um cangaço contemporâneo de matizes hi-tec. Uma visão de como poderia ser o Cangaço nos dias atuais, em meio aos elementos urbanos, sendo outros os coronéis mandatários, como por exemplo, os do sistema financeiro, transporte urbano e indústria imobiliária. Uma das



Cangaço Moderno



Cangaço Moderno



Banditismo

telas mostra um cangaceiro dentro de um banco. Haveria de se pensar que, no passado um cangaceiro somente visitaria um banco com propósitos suspeitos. Sim, hoje o cangaceiro real tem gravata e capital.

A mostra “As cores da Fé”, iniciada no dia 23 de maio de 2017, no Café da Gente, anexo ao Museu da Gente Sergipana, Crec Leão tematizou com a religiosidade. Nas obras, elementos simbólicos caros aos rituais do cristianismo em primeiro plano se destacam; noutros, entram como elementos de composição, enquanto objetos votivos e da diversidade icônica do cristianismo, como o peixe, por exemplo. Voltou com o tema Cangaço na Galeria de Arte J. Inácio, após vencer a concorrência com vários artistas, no Edital 2017 da Secult Sergipe.

Na sua obra de múltiplos significados, Crec tem se mostrado um colorista contumaz e imprime intensidade luminosa com cores predominantemente quentes, compatíveis com o nosso clima tropical. O que seriam nuances e tons são feitas com cores em si e não com o branco e o preto respectivamente. Sua pintura adqui-

re assim, quase sempre aspectos mais gráficos, ou seja, se afasta da matização, que é a interposição de cores para a suavização tonal. O que vem a se constituir estilização, decorrente da técnica de Crec, valoriza bastante a cor como elemento visual expressivo. Também demonstra que ele não se sente na dependência de mimetizar as figuras, mas lhes dá identidade visual própria, ainda que faça releituras de obras como nas pranchas sequenciais “Santíssima, I, II, III e IV”, inspiradas nas Madonas Negras da cidade de Czestochowa, na Polônia. Ele tende a criar um universo próprio, onde as formas emergem praticamente arbitrariamente, fogem do realismo e se substanciam por si. A propósito das Madonas Negras, o artista na sua pesquisa identificou que tais ícones católicos foram impostos por Napoleão ao povo daquela cidade e compreende que, a religião assim vinculada à política, como praticamente todo o percurso da humanidade esteve, caracteriza-se como correntes invisíveis opressoras. Dentre as Madonas recriadas por Crec existe uma com burca, cuja viseira tem o formato de grade. Isso remete



Yemanjá (fragmento)

à prisão ideológica imposta pela religião, que alimenta, em ciclos contínuos a intolerância fundamentalista.

Para o artista, é no vazio das relações humanas que os sentimentos se traduzem na fé religiosa. Esperança, carência, ansiedade, desejos de toda ordem são as porções invisíveis de todas as vontades.

O valor simbólico da adoração a uma divindade, em meio aos rituais constantes, termina muitas vezes ganhando tanta força ao ponto de tirar a importância dos aspectos humanos dos indivíduos, porque eles passam a se enxergar demasiadamente próximos da divindade. Tais símbolos, como se sabe, são representações sociais, assim como os ritos com seus totems, tabus e mimetismos. Os indivíduos não se bastam por si, eles têm necessidade da representatividade social. Desta forma, seus status, suas crenças e valores morais se tornam elementos significantes e a eles são atribuídas qualidades que comprazem os indivíduos, reciprocamente, vivendo em sociedade.

Lidar com ícones sociais, étnicos, dos povos africanos, elementos da música e de cenas cotidianas tem sido preocupação do artista Crec Leão e dele requer conhecer aspectos particulares desses universos com suas respectivas complexidades. O desafio é dar a tudo isto uma visualidade convincente capaz de leituras reflexivas por parte do público.

No processo de estilização, ainda que não tenha tal propósito, a figuração desenvolvida por Crec ganha planos pictóricos interpostos que, ora se fundem com as figuras do primeiro plano, ora são posicionados no segundo e terceiro, oferecendo assim visual multicolor em camadas bidimensionais. Cada personagem surge com seus adereços imaginados, representando vestimentas ritualísticas, que ganham volume e cores resultado dos efeitos das pinceladas com intervenções de canetas a base de água sobre camadas de tinta acrílica.



Cyber Lampião



Cangaço Moderno



Cyber Lampião

Tendo como referências artistas da Pop Art, o pensamento do dadaísmo, Crec gosta de Doze Green, Fernando Chamarrelli, desenhistas como Frank Muller e Bill Sienkiewicz. Nesta fase da sua vida Crec Leão tem como objetivo maior investigar todas as possibilidades de fazer da cor sua via de comunicação com o mundo.

O público visitante das suas exposições, como é de praxe em outras mostras, pode apreciar aspectos, como gosto pessoal, e valores estéticos na obra de Crec. O artista, por sua vez, mostra o resultado das suas experiências com as cores, como trata suas figuras, seus planos pictóricos para a composição das obras, enfim, o resultado. O esperado é a sinergia entre o público e as obras, e por extensão com o artista. 



Lampião

ANSELMO RODRIGUES

Por Mário Britto

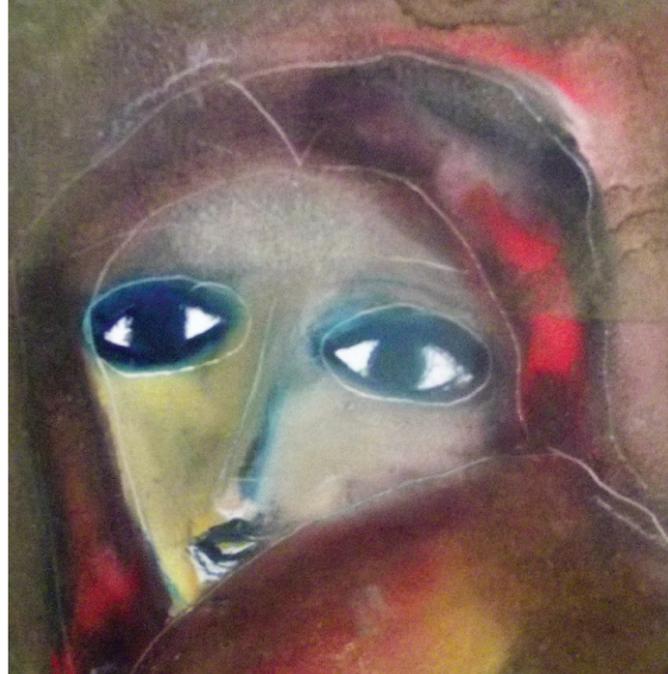


Capitães de Areia

Anselmo Rodrigues nasceu no dia 27 de setembro de 1958, na cidade de Aracaju-SE. Autodidata, desde criança tinha como uma de suas prediletas diversões rabiscar cadernos e calçadas. No início da década de 60, aos dois anos de idade, mudou-se com a família para cidade do Rio de Janeiro, onde fixou residência por seis anos, retornando, em seguida, para a sua cidade natal. Em 1975, começou os estudos artísticos e se iniciou nas artes fazendo desenhos que retratavam figuras sofridas do cotidiano, tema referencial em sua iconografia. No ano seguinte, pesquisa técnicas de pintura e história da Arte, ocasião em que passou a ter contato com grandes artistas e obteve deles informações úteis acerca das técnicas das tintas óleo e acrílica. O artista plástico sergipano Florival Santos foi o seu principal mestre.

Amamentação





Transformistas



A Pomba

“Inventivo e possuidor de uma inquietude artística incomum, Anselmo Rodrigues vive em constante busca de novas técnicas para expressar a sua arte”

Em 1978, atuou como monitor em programas sociais para crianças carentes, atividade que agregou novos elementos temáticos à sua pintura. Desde 1979, transferiu-se para Brasília, cidade onde atualmente vive e desenvolve a sua arte. Em 1980, realizou a sua primeira exposição individual de pintura, intitulada “Trabalho e Arte” e, com igual sucesso “A Nudez Absoluta da Sensibilidade”, na Galeria Serpro, ambas em Brasília. Nesse mesmo ano, fez parte do “Projeto pintando minha gente”, viajando e pesquisando a cultura Popular do Nordeste. Dois anos depois, desenvolveu, em seu ateliê, o projeto “Técnicas de Pintura Contemporânea”.

Em 1982, em Aracaju, participou de uma exposição com Wellington e José Fernandes, na Galeria Álvaro Santos e, com José Fernandes e Marinho Neto, idealizaram o projeto “Movimento das Artes em Sergipe”, que alavancou o mercado de arte sergipano. Em 1986, foi importante protagonista do grupo “Coloristas de Brasília”.

Inventivo e possuidor de uma inquietude artística incomum, Anselmo Rodrigues vive em constante busca de novas técnicas para expressar a sua arte. Em 1989, estreia uma produção de trabalhos, utilizando a técnica da xilogravura. Um ano após, abandonou a técnica óleo sobre tela, por motivo de saúde, passando a utilizar a acrílica sobre tela. Em 1991, pes-



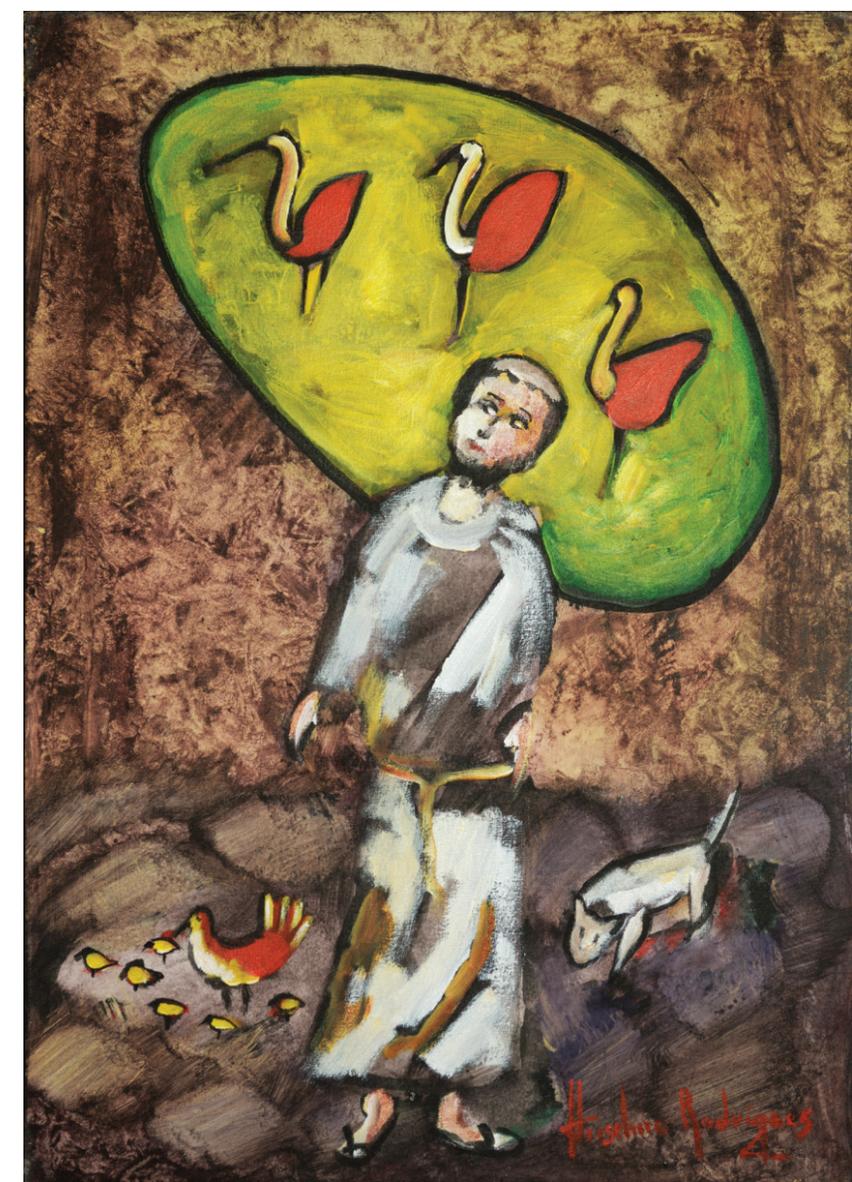
quisa novos elementos plásticos e dá início a uma nova etapa no seu trabalho, com ênfase na temática ambiental.

No ano de 1993, viajou pela primeira vez à Europa, onde visitou Espanha, Portugal, França, Itália, Alemanha, Holanda e Bélgica, e realizou pesquisas fundamentais para sua trajetória artística. Três anos depois, retorna à Europa para fazer várias exposições oficiais, onde também participa do curso de desenho na Academia Royal de Belas Artes de Bruxelas.

Anselmo Rodrigues tem realizado muitas exposições individuais e coletivas em diferentes rincões do Brasil. No exterior, em 1990, participou da exposição “Pintores de Brasília”, realizada na Embaixada do Brasil, no Centro de Estudos Brasileiros, em Assunção, no Paraguai, com a curadoria de Lívio Abramo. Em 1996, esteve presente nas mostras: “Coletiva de Artistas Brasileiros”, na Bélgica; “Onze Artistas de Brasília”, na Aba Gallery, em Nova Iorque, nos Estados Unidos e “Coletiva na Cacco Zanchi Kunstgalerij”, na AALST, na Bélgica.

Laureado artista, entre os inúmeros prêmios recebidos merecem destaque: em 1976, Menção Honrosa pelo Rotary Clu-

São Francisco





O Relógio



be Aracaju; em 1978, a Medalha de Bronze, no I Salão Atalaia de Pintura, realizado em Aracaju; em 1979, Prêmio Aquisição, da Fundação Cultural de Brasília; em 1980, os seguintes: Prêmio Aquisição, no II Salão Riachuelo de Artes Plásticas; Medalha de Ouro, no Salão Serpro/Artes Plásticas, em Brasília; Prêmio Aquisição, na Fundação Cultural do Distrito Federal; 1º Lugar, no Salão Nacional Serpro/Artes Plásticas.

Na toada de sua exitosa carreira, ressaltam, igualmente, os prêmios Viagem pelo Brasil do I Salão Naval de Artes Plásticas do DF e Aquisição do Salão Fundação Cultural do Distrito Federal, conquistados em 1981; a Medalha de Bronze no V Salão Riachuelo de Artes Plásticas do

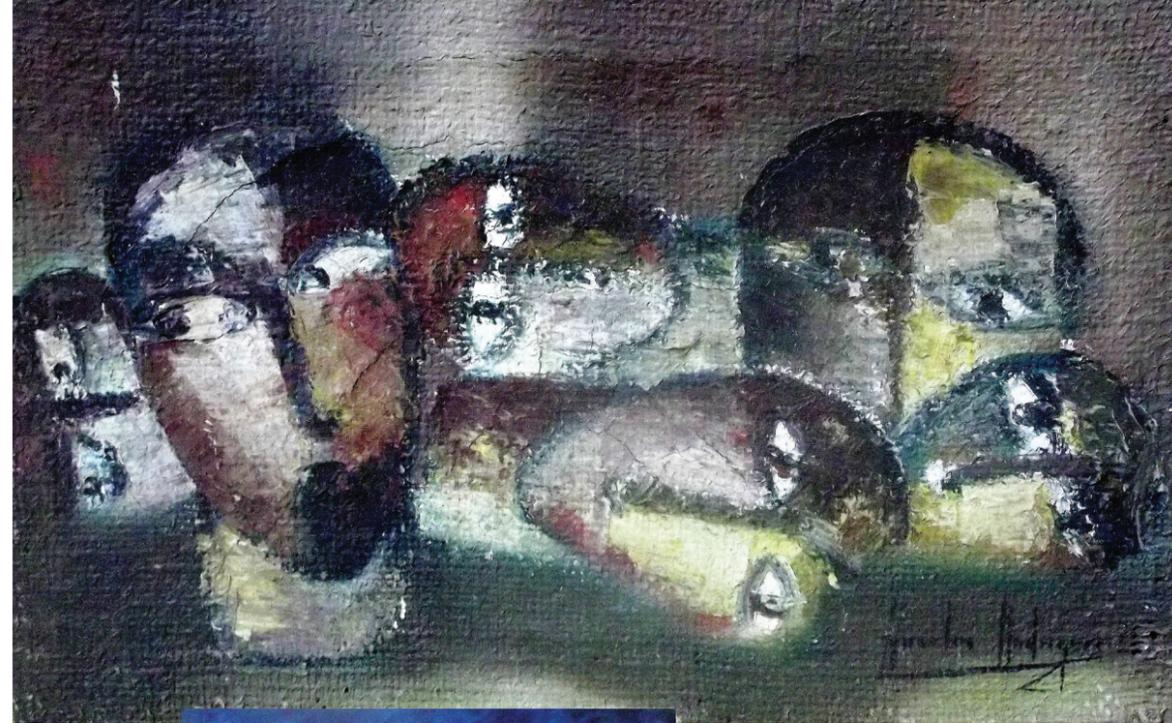


Caverna



Distrito Federal, 1o. Lugar em Desenho no VI Salão de Artes Plásticas das Cidades Satélites e Medalha de Ouro no Salão de Desenho e Pintura do EMFA, todos em 1983; o 4º. Lugar do Projeto Tapume, realizado pela Caixa Econômica Federal e Menção Honrosa no 90 horas de Pintura Contemporânea, em Brasília no ano de 1990; o 2º. Lugar no 90 horas de Pintura Contemporânea, no Rio de Janeiro, em 1991; o 2º. Lugar no 90 horas de Pintura Contemporânea, em Brasília, em 1992; o Prêmio Viagem à Europa no 90 horas de Pintura Contemporânea, em Brasília, em 1993; e o Prêmio Aquisição no VII Salão de Artes Plásticas de Taguatinga, em Brasília, em 1996.

Em março de 2014, marca o seu retorno a sua cidade natal realizando a exposição individual “Anselmo Rodrigues, tintas que falam”, na Galeria Jenner Augusto/Sociedade Semear, ocasião em que lança o livro homônimo, organizado por Mário Britto.



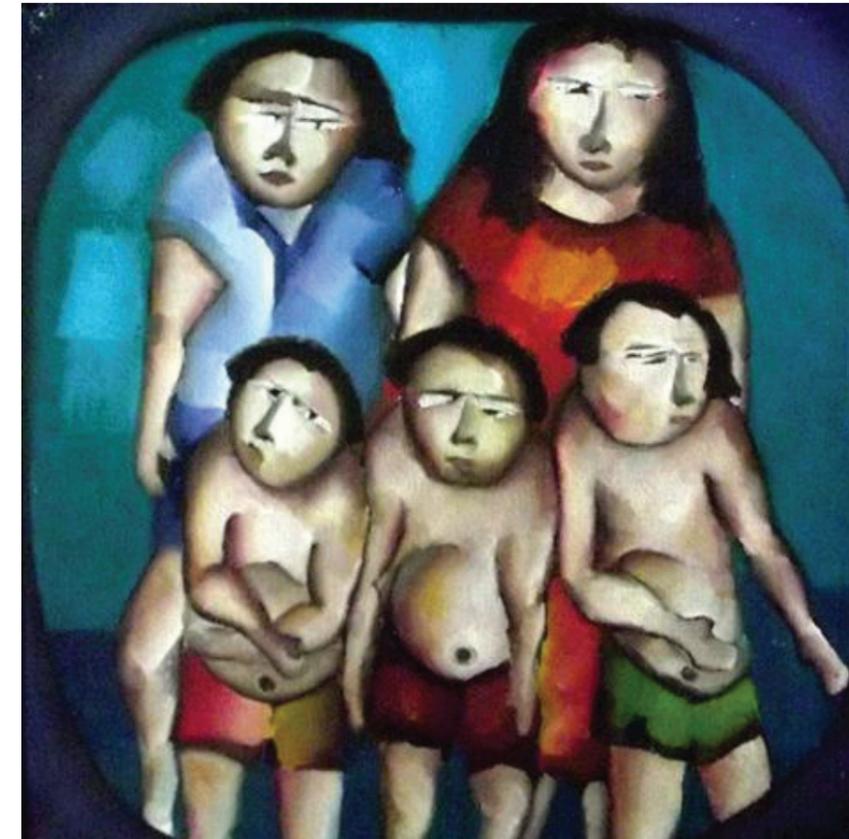
Ex Votos



O Ferreiro

Engajado na defesa do meio ambiente, em suas andanças no sudeste do estado Tocantins, Anselmo Rodrigues lutou arduamente pela conservação das cavernas naturais existentes naquela região. Fundador de um grupo de espeleologia, com o interesse maior na conservação daqueles ambientes, tornou-se um especialista em espeleocromologia – estudo das cores da caverna, experiência que lhe permitiu aprimorar a técnica das cores em suas obras. **C**

Sem Título





O de cumê sergipano

Djenal Gonçalves Filho



Ninguém nunca botou as botas na lua. Tudo efeito especial do cineasta Oliver Stone pra elevar o poder do império americano. Certeza. Aliás, a humanidade tem sua história carregada de segredos. Pra mim, o maior deles continua sendo o “paradoxo Tostines”, que ninguém ainda sabe, ao certo, se vende mais porque é fresquinho, ou se é fresquinho porque vende mais.

Puxando a sardinha pro nosso lado, melhor dizendo, o aratu, em Sergipe há um mistério que faz muita gente boa por aí bater a cabeça: existe uma gastronomia típica sergipana? Se existe, qual é? Atordoado com essa dúvida, numa madrugada dessas, lá pelas 03:30 hs, in-sone, Amaral Cavalcante me ligou.

“Djenal, tá dormindo?”

“Quiii”

Papeamos sobre o assunto e prometi escrever algo. Claro que este humilde e inexperiente



escriba não vai esmiuçar esse tema controverso e jogar-lhe uma recheada pá de cal. E a culpa, se é que ela existe, data de antes mesmo da fundação de Aracaju. Foi praga.

Num arranca rabo entre os caciques Ape-ripê e Serigy, este último, derrotado e ferido no seu ego de guerreiro, rodou a baiana e lançou uma maldição dizendo que nenhum fruto dessa terra vingaria: “Mim vai, mas comigo vai junto o sucesso de vocês”. Este cara pálido também acredita nisso. Não há explicação lógica para o fato de que, com tantos artistas de qualidade, com tantas paisagens bonitas e com tanta comida boa (algumas, que só se come por aqui) ainda não tenhamos o merecido reconhecimento nacional. Mas isso está mudando. Mijaram na macumba do cacique.

Logo de cara, o que me vem à memória, é o olhar esfomeado dos turistas que douram a pele em nossas praias, afoitos pra comer o nosso caranguejo-uçá, o queijo coalho assado na latinha com carvão, ou o famoso amendoim sergipano. A matéria-prima pode até existir em outros Estados, mas o nosso savoir faire é único.

O modo como preparamos o nosso amendoim, por exemplo, cozido, ainda verde, na água, sal e limão (e que alguns vendedores, pra valorizar o produto dizem que o fazem com leite de cabra – mentira das boas), é objeto de desejo em 11 de cada 10 pessoas que aqui chegam. Em 2013, merecidamente, virou Patrimônio Imaterial do nosso Estado.

Em 2011, a queijadinha de São Cristóvão também se tornou Patrimônio Imaterial de Sergipe. Originária da culinária portuguesa, levava queijo, mas por aqui, por ser mais fácil de conseguir, ganhou coco na receita. E ganhou o mundo. Por lá, ainda tem os bricelets, preparados pelas freiras do Lar Imaculada Conceição.



“O modo como preparamos o nosso amendoim, por exemplo, cozido, ainda verde, na água, sal e limão, é objeto de desejo em 11 de cada 10 pessoas que aqui chegam. Em 2013, merecidamente, virou Patrimônio Imaterial do nosso Estado.”





Esses biscoitinhos de massa fina são uma delícia. Derretem na boca. Uma benção.

À bem da verdade, quem quer realmente descobrir a nossa verdadeira gastronomia, tem que sair da capital e se embrenhar no interior do Estado. Partir numa viagem, inclusive, no tempo. Muitas cozinheiras preservam a tradição de uma comida que antigamente predominava na mesa do sergipano. Aí temos a maniçoba de Lagarto (que surgiu no Pará, mas, por aqui tem o toque calango, porque senão todo mundo fazia), a carne do sol de Cedro de São João, a carne frita de Itabaiana (que, digase de passagem, é cozida), o carneiro guisado de Porto da Folha, o aratu na palha de Estância e muita coisa mais. Muita mesmo.

Recordo agora que, há um tempo, passeando no mercado central com o chef baiano Beto Pimentel, enquanto o convidava pra almoçar no aconchego de um ar-condicionado de um restaurante fino da cidade, ele, puto da vida, gritou pra todo mundo ouvir que vir em Aracaju e não sentar no meio do povo pra comer uma feijoada sergipana seria um sacrilégio com

os deuses da gastronomia. A diferença, explicou ele, pra feijoada carioca, é que a nossa é feita com o feijão mulatinho, e cozinha com repolho, batata, maxixe, e o quiabo a quatro.

O Caju, umbu, cajá, pitanga, jaca, tamarindo, carambola, adicuris, tamarindo, jenipapo, e mais uma ruma de frutas típicas da nossa região merecem também destaque nesse enredo. Com destaque para a mangaba, cujos baldes recheados que emolduram nossa linha verde, remetem a um quadro de natureza viva. Sobre a mangaba, há indícios que pesquisadores descobriram uma nova espécie, a Mangaba Karvan, que não é de pegada nem é de caída. É sustentida.

Enfim, já que comecei esse texto citando Oliver Stone, permitam-me encerrá-lo com a clássica cena de “2001 – uma odisseia no espaço”, de Kubrick, quando, ao som da sensacional “Also Sprach Zarathustra”, o primata, após vencer uma luta, lança o osso do adversário pro espaço, pro futuro. Metaforicamente, façamos isso com a praga do Cacique Serigy. Mandemo-la pra casa da pôrra. Voltemos nossos olhos pro amanhã! 

A fotografia LAMBEBE LAMBEBE em Aracaju

Cândida Oliveira

Os lambe-lambes espalhados na área central de Aracaju fizeram sua história, cada um com sua peculiaridade. São histórias e memórias de uma categoria profissional que precisou passar por muitas modificações para atender a clientela.

Décadas antes das *selfies* (autorretrato) e da foto digital, a fotografia era algo que carregava certa formalidade. Então, como era possível se deixar fotografar no meio de uma praça pública? Sem tantos recursos tecnológicos, como era possível colocar uma imagem em uma folha de papel?

Quem tem mais de 30 anos deve lembrar dos “convites” aos gritos dos fotógrafos lambe-lambes que se aglomeravam com suas “máquinas” nas suas barracas na praça General Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão, popularmente conhecida como praça General Valadão, no centro

comercial de Aracaju. A cada “convite”, tentavam convencer os transeuntes a posar para suas lentes.

Esses lambe-lambes eram os responsáveis por ilustrar por meio de fotografias no formato 3x4, carteiras de identidade, de trabalho e escolares, além de cartões de vacinas exigidos pelas instituições públicas. Outros formatos também existiam, como os postais, que geralmente eram guardados como recordação e também eram enviados aos parentes mais distantes, para a namorada ou para ilustrar algum quadro na parede de casa.



Casal posa para fotógrafo lambe-lambe na praça General Valadão. Ao fundo pé de oitizeiro. Foto Arquivo Pessoal



A foto lambe-lambe ou oiti

Os fotógrafos lambe-lambes desenvolviam suas atividades profissionais em praças públicas, jardins e feiras. Em Aracaju eles surgiram na década de 1930. Todavia, antes deles já existiam as fotos realizadas em estúdios, a exemplo da Foto Amador que tinha como proprietário Artur Costa, existia também a Foto Studio, de Francisco Barreto e Foto Brasil de Orlando.

Outro fato importante diz respeito ao local onde essa fotografia era produzida. “A foto lambe-lambe funcionava no mercado das verduras, na avenida Coelho e Campos, era lá que chegavam os trens. Ali chegam pessoas de todas as partes, um local bem movimentado e que gerava muito trabalho para os fotógrafos”, relembra Murillo Melins. Esses trens vinham de cidades sergipanas como Tomar do Geru, Itabaianinha, Pedrinhas, Boquim, Salgado, Rita Cassete, São Cristóvão e da Bahia, Salvador e Barracão (atual Rio Real).

Em sua obra “Aracaju Romântica que Vi e Vivi: Anos 40 e 50”, Murillo Melins relata que o comércio de Aracaju começa a crescer entre as ruas João Pessoa, José do Prado Franco, Itabaianinha, Laranjeiras, São Cristóvão e avenidas Rio Branco, Otoniel Dórea e praça General Valadão (antiga praça da Cadeia).

Nesse crescimento vamos no deter a praça General Valadão, que é o local onde estavam construídas a cadeia pública, para onde eram levados os presos. Este espaço em 1938 após passar por reforma começa a ser chamado de Palácio Serigy, abrigando assim a sede da Secretaria de Estado da Saúde. No local havia atendimento de médicos, posto de vacinação e serviço de raio X.

Na praça também estavam localizados o quartel do 28º Batalhão de Caçadores (que depois passa a funcionar como hotel e recebe o nome de Hotel Palace) e a Alfândega. Era um espaço de muita movimentação de pessoas, porque nas proximidades ainda havia o Porto e os pontos das marinetes.

Em 1950 a praça General Valadão recebe os fotógrafos lambe-lambes, que se concentravam na região onde estava a estação de trem na avenida Coelho e Campos. Como a estação foi transferida para o Aribé (atual bairro Siqueira Campos) diminuiu a movimentação de

pessoas e os fotógrafos passam a atuar na praça General Valadão.

Nesse período a foto lambe-lambe passa a ser conhecida também como foto Oiti. De acordo com Murillo Melins, a praça General Valadão possuía muitos pés de oitizeiros, bastante utilizado na arborização da cidade e por isso, a foto lambe-lambe também recebe esse nome.

A câmara

O fotógrafo lambe-lambe ou Oiti desenvolvia seu trabalho com uma câmara laboratório - uma caixa de madeira com uma lente apoiada em um tripé. A câmara era dividida em duas partes, sendo que a inferior continha os dois banhos, revelador e fixador, que eram utilizados ao mesmo tempo, para o processamento químico de filmes e papéis. “As fotos eram reveladas ali mesmo, quase que instantaneamente”, relembra o fotógrafo lambe-lambe aposentado, Erasmo Cardoso dos Santos, 72 anos.

O fotógrafo aposentado Salatiel Eduardo dos Santos, conhecido como Eduardo Lobo, acompanhou o trabalho do pai, que foi marceneiro e fotógrafo lambe-lambe, Antônio Eduardo dos Santos, conhecido como Antônio Carira, na fabricação das câmaras laboratório, utilizadas pelos profissionais da fotografia. “As caixas eram de tamanho 45x45 de ce-

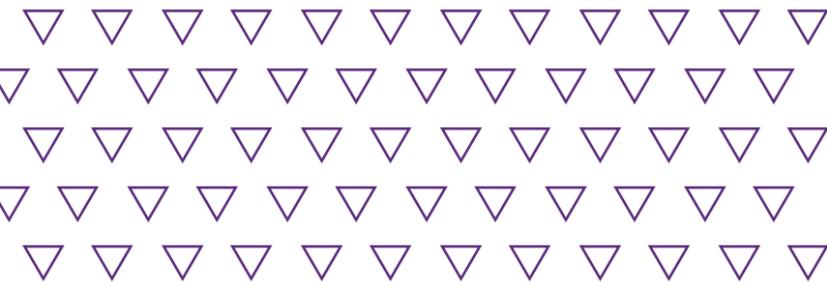


Salatiel Eduardo dos Santos. Foto: Cândida Olveira

dro. Esse tipo de madeira deixava o equipamento mais leve, meu pai tentou usar jequitibá, mas ficou muito pesado. Uma folha de cedro com cinco metros dava para fazer duas máquinas e ainda sobrava um pedacinho”.

O fotógrafo Erasmo Cardoso dos Santos foi um dos clientes de Antônio Carira. “Em 1956 abri minha própria barraca na praça General Valadão, batizei de Foto Realidade. Foi a Antônio Carira que atendia no Aribé que comprei meu primeiro equipamento”.

O fotógrafo lambe-lambe Sérgio Carlos Farias adquiriu seu primeiro equipamento com Walter, no bairro Santo Antônio. “As caixas eram mini laboratórios, pois continham papel filme de 120 milímetros, pó sulfite, banheiras com revelador e fixador (sulfite de sódio), prensa e chapa. Era possível comprar esses materiais nas lojas Foto Brasil, de Sr. Orlan-



do e Foto Ideal, de Luiz Carlos Menezes Barreto. A Foto Ideal era localizada na rua Geru, centro comercial de Aracaju e foi inaugurada em 1968”.

Foto Popular

Esse tipo de fotografia era entregue de forma quase que imediata, porém, quem mais fazia uso desse serviço eram pessoas com menor poder aquisitivo. Quem possuía uma renda melhor procurava as fotos de estúdio. “Os estúdios demoravam de três a quatro dias para entregar uma fotografia, pois faziam retoques, no lambe-lambe não existia com produção, então, quando se precisava de uma foto rápida, o lambe-lambe era o mais procurado”, cita Murilo Mellins.

Para atrair uma clientela maior, os lambe-lambes começaram a oferecer fotos com paisagem e até objetos. Cavalos e carneiros de madeira, tecidos com imagens para decorar o fundo das fotos eram atrativos a mais que os profissionais ofereciam. Os tecidos geralmente tinham imagens de praças famosas do Rio de Janeiro e até de Paris (França).

Uma das barracas mais citadas pe-



Erasmus Cardoso dos Santos. Foto: Cândida Oliveira

los entrevistados foi a Foto Sputnik, de Euclides. A Sputnik era a mais famosa, também era a mais antiga. Essa barraca era a mais arrumada, pois oferecia aos clientes vistosas cadeiras e cavalinhos de madeira para as crianças.

Para atrair clientes, os lambe-lambes ofereciam objetos de decoração. A foto Sputnik era a barraca mais famosa, tinha vistosas cadeiras e animais em madeira para as crianças

A barraca de Euclides recebeu o nome de Sputnik em homenagem ao foguete russo que levou o homem - Yuri Gagarin - ao espaço. “Era a maior barraca e o proprietário tinha até uma vespa, onde levava seu material fotográfico aos eventos como feiras e festas do interior sergipano”, lembra Erasmo Cardoso.

Catálogo de barracas

PMA retira «lambe-lambes» da General Valadão para Avenida Coelho e Campos

Jornal Gazeta de Sergipe, de 11 de novembro de 1971, edição nº 4525

Os fotógrafos da Praça General Valadão, retirados para atender às recomendações do esquema de segurança e urbanidade a visita que o Presidente da República, General Gervásio Mendes fez ao nosso Estado, serão movidas na Avenida Coelho e Campos enquanto a Prefeitura providencia um remanejamento no logradouro público. Essas informações foram prestadas pelo engenheiro agrônomo Antonino Campos Lima, Diretor de Serviços Urbanos do Município, quando esclareceu que a partir de agora os dois departamentos da Prefeitura, quais sejam o Departamento de Obras e Urbanismo e o Departamento de Serviços Urbanos estarão realizando alguns melhoramentos de valto naquele local.

QUANTOS ELAS?
Os fotógrafos, em número de 34, constituem um sério problema valendo planejar, já aprovados pelo Prefeito Cleovansostenes de Aguiar no sentido de que a Praça General Valadão seja modificada na sua estrutura, aumentando a área para estudo para a Prefeitura que tentando sem conseguir há muito tempo virar a retirada, tendo apenas realizado a troca de locais sem contudo afastá-los de forma definitiva. Ao longo dos anos muitos deles já estiveram transferidos para perto do Mercado Antônio Franco, e a vista, estiveram levados à Praça Jackson de Figueiredo, por trás da Delegacia da Polícia Federal. Na verdade muitos dos antigos fotógrafos já mudaram de ramo de negócio, ficando uns poucos que resistiram e contam mais de quinze anos no mistério de fornecer cópias das imagens visuais dos frequentes com tempo recorde, ocupando uma área ao abrigo das conhecidas ficus benjamins, não conhecidas tradicionalmente por «Foto Old», designação que os diferencia dos outros profissionais.

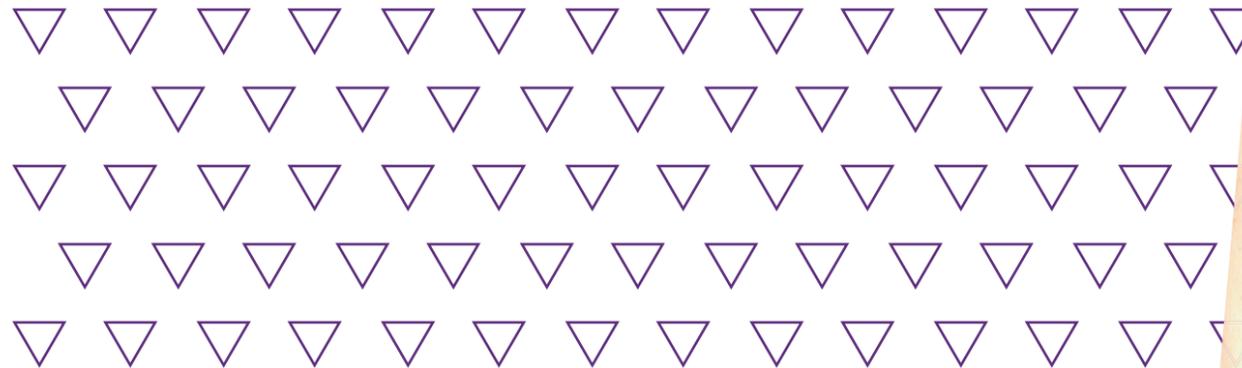
SERÁ AJARDINADA.
As autoridades da Prefeitura asseguram que o remanejamento de carros parados, existindo a possibilidade de arborização de algumas árvores e replantadas outras, servindo a novos estaleiros com ajardinamento.



José dos Santos e Sérgio Carlos Farias (boné) a espera de clientes. Foto: Cândida Oliveira



Com máquina e impressora digitais tentam manter viva a fotografia lambe lambe. Foto: Cândida Oliveira



Nas entrevistas realizadas conseguimos identificar 13 barracas de foto lambe-lambe. São elas: **Foto Popular** teve como primeiro proprietário Pacheco, depois passa para Sérgio Carlos Farias; **Foto Taça de Ouro**, de Geraldo; **Foto Sputnik**, de Euclides; **Sport Clube Sergipe**, do professor Zé Carlos Farias (irmão de Sérgio Carlos Farias); **Foto Irmão da Luz**, de Serapião; **Foto Ideal**, de Pedro Francisco; **Foto Universal**, de Antônio; **Foto Realidade**, de Erasmo Cardoso dos Santos; **Foto Bezerra**, de Bezerra; **Foto Ivone**, de Antônio

Eduardo dos Santos; **Foto Confiança**; **Foto Arte**, de Everaldo que depois passou para José dos Santos (conhecido como Eliezer), que troca o nome para **Foto Estúdio** e **Foto Titular**, de Gilson Barbosa.

Extinção

Além do surgimento da máquina digital, a extinção do lame-lambe se deu devido também a outros fatores que iniciaram na década de 70.

Em 11 de novembro de 1971, na edição nº 4525, o Jornal Gazeta de Sergipe aborda a retirada dos fotógrafos lambe



Carteira de trabalho com foto de lambe-lambe.
Foto: Cândida Oliveira



-lambes da praça General Valadão:

Segundo Sérgio Carlos Farias, o único hotel com condições de receber um presidente era o Palace e foi lá que o presidente Emílio Garrastazu Médici se hospedou. “Fomos retirados da praça por causa do presidente, queriam deixar a praça ‘limpa’”.

Os profissionais foram transferidos para a avenida Coelho Campos, a 335 metros da praça General Valadão. Lá ficaram até o final da década de 90, período em que os mercados Thales Ferraz (1948) e Antônio Franco (1926) são reformados e é construído o mercado Albano Franco (2000).

Na modernização dos mercados, não ficou espaço para os lambe-lambes. “Prometeram nos dar um cantinho para trabalhar, mas isso nunca aconteceu”, recorda Erasmo Cardoso dos Santos.

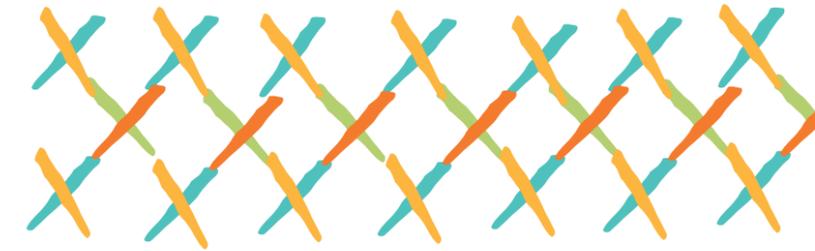
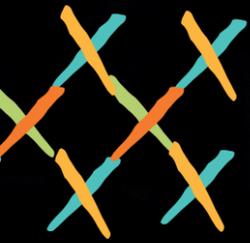
“Mandaram passar as máquinas e nossas barracas foram destruídas. Eu ainda consegui retirar minhas coisas, mas muitos colegas perderam seu material. Ficamos sem atividade, ficamos cegos, sem rumo. No novo mercado não houve espa-

ço para nosso trabalho”, detalha Sérgio Carlos Farias.

Sem local para desenvolver suas atividades, os profissionais se encontraram no box 43 que foi alugado em 2001 no mercado Albano Franco. O espaço é dividido até hoje com uma vendedora de produtos domésticos. “Restaram apenas cinco, mas um faleceu e outro é deficiente visual, hoje (2017) são apenas três”. O que conseguem de renda dividem entre eles a viúva e ajudam nas despesas médicas do colega deficiente visual.

Atualmente trabalham de 8h às 17h, e atendem no máximo 10 pessoas por dia diferente de tempos passados, onde atendiam uma média de 30 pessoas.

No pequeno espaço, os três “sobreviventes” já modernizados utilizam uma máquina digital e uma impressora, ambos simples. Os clientes diminuíram, mas o desejo de continuar trabalhando não acabou. Sentado fazendo recortes de fotografias 3x4 Sérgio Carlos Farias diz que sente saudades. “Sinto saudades daquela época do lambe-lambe e para não perder a prática continuo frequentando o mercado”. **C**



Sergival

Festa de cabra bom!

Ronaldson Sousa

Quem viu o músico magro, alto, batatas longas dedicando-se à flauta, percussão e vocais nos anos 80, inicialmente nas aparições do conjunto musical entusiasticamente batizado de Band'auê, e logo que desfeita a banda, engatou um duo com outro nome de relevo do grupo, Senna, não imaginaria tamanha evolução numa seara em que muitos desistem ou perdem a força antes mesmo de colher os melhores frutos.

Esta evolução desde o primeiro CD *Sergival e as coisas do caçová* (2004) está clara nos palcos, maneira de cantar e presença carismática que o fez impor

sua forma colorida e gonzagueana de ser. Sergival mais que mero cantor regional, virou uma espécie de personagem lúdico-musical (inclusive com presença na novela global *Cordel do Fogo Encantado*). Personifica uma forte entidade que revela muito do seu torrão, desbravando searas nada fáceis sem perder sua digital, abre trincheiras no Rio de Janeiro (onde mora atualmente), como divulgador do programa "Puxa o fole" pela Rádio Nacional e já traz no currículo momentos de interação musical com nomes como Adelmário Coelho, Targino Gondim, Lenine, Dominginhos e Alcymar Monteiro.



Sergival no ForroCaju 2015
Foto: Joel Luiz



Sergival no ForroCaju 2015
Foto: Joel Luiz

Festança



O segundo CD, *Festança* (2016), premia-ver meu bem”), duas joias de Ismar Bar- do com o *Sanfona de Ouro* de Melhor CD, reto com “Cadê meu forró” e “Sofrendo”; é um passo à frente em sua caminhada ca-as clássicas “Na sombra da jaqueira” de lejada e uma espécie de cartão de apresen-Josa, o Vaqueiro do Sertão e “Cheiro da tação da nossa música de vertente maisTerra” do Cataluzes; mais torpedos frené- forrozeira. Sergipe está ali no melhor for-ticos de Erivaldo de Carira, Jorge Ducci e mato com músicas já cristalizadas no can-João da Passarada. Um conselho aos seus cioneiro mas numa roupagem “fervente” ouvidos: ouça, dance, curta. num fôlego de folia e festa. A verdade nes- São *hits* classudos, gravados por ou- te festejar 30 anos de arte é, sem dúvida, tros cantores e que revelam a faceta genuí- um brinde à nossa autoestima. na do nosso Estado com forte apelo de pro-

O DISCO – São 13 músicas pin- duto de exportação. São arranjos diferen- çadas pela agudeza e faro de um músicociados dos originais, que são incorporados à que conhece muito do seu riscado, bonsforma do cantor com voz grave e inconfun- momentos do repertório já cristalizado nodível, amálgama de aboiadores com a rude- imaginário auditivo popular: sucessos deza do solo sertanejo, a meu ver sempre ne- Rogério com “Sergipe é o país do forró” ecessária a moldura vocal feminina (das *ba-* “Santo Forrozeiro” já dá o tom festivo *docking*) como contraponto nos refrões, coisa trabalho, passando pelo jeitão universitá-costumeira em forrós mas que alicerçando rio “dor de cotovelo” de Xotebaião (comSergival cria mais polifonia, mais beleza pe- o colorido especial do sax soprano de Léolo contraste com a rudeza gutural do seu Gandelman), Zé Roseno e Marluce (a ca-canto; – então seu moço, bote sempre umas rismática dupla e seu eterno hit “Querosopranos e contraltos pra embelezar a festa.

O *modus operandi* deste disco feito uma colcha de retalhos foi tecendo aqui e ali a teia dos arranjos com nomes de peso, co- mo Carlos Balla, Reppolho, Zé Calixto, Rildo Hora, Léo Gandelman e Silverio Pontes que abrilhantam um trabalho sem perder a pegada serigy. Acrescidos tantos enxertos de valor e algumas gravações multilocacionais, a base maior do traba- lho foi no Rio de Janeiro e prevaleceu a marca do gloriense no álbum, feito gado ferrado. Foi amarrando nomes conforme seu intento que tomou forma: o que eleva este *Festança* a mais que um mero registro fonográfico, mas um produto de arte pere- ne, além da sazonalidade do ciclo junino, bem feito e que nos dá orgulho.

Na vitrine a capa com obra do ar- tista plástico estanciano Félix Mendes, emblemática referência, cheia de glamour *naif* à qual o autor dedica um texto e tam- bém recheia o encarte com o colorido da temática do São João. Acréscimo mereci-

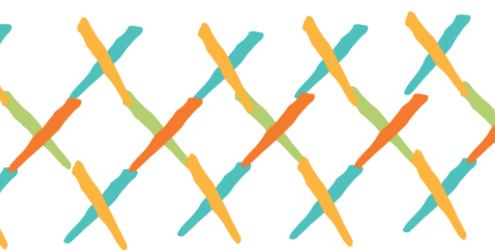




Foto: Ana Migliari



Foto: Ana Migliari



do e respeitoso é a apresentação do crítico Tárík de Souza para um CD muito bem acabado, que muito tem de acerto nas escolhas do repertório. Estas são referenciais e o autor entra apenas com a composição que encerra a festa “Adeus, Adeus”. No geral, divide a farra com outros inesquecíveis já citados do nosso Estado, competente na maneira como conduz uma a outra numa sequência frenética que nos remete aos shows como uma costura sem freios ou pausas entediadas. O disco é alto astral, espontâneo, bonito, cheio de graça como é a gente nordestina e nossa terra se reconhece. Há mesmo uma atmosfera de festa da primeira à última faixa, climas folclóricos cheios de energia popular, pureza e felicidade que resultam num *plus* de valor (documento, registro e arte). Em ritmo acelerado, faiscante de barco de fogo, a tônica é expor o que é nosso da maneira mais competente e atual, um pé na tradição e na contemporaneidade.

O PERSONAGEM – É assim que o músico de Nossa Senhora da Glória (SE), alia-se em parceria ao conterrâneo

Veio e reafirma-se para o mundo com olor. Um campo em que extremos como caçua do melhor repertório de sua aldeia. Gonzagão e Alceu Valença semearam Nos palcos o personagem Sergival, “omaestria, elevaram o gênero a patamar moço do caçua” sempre alia-se à teatralidade de grandeza a ser seguido.

Este estágio atual de Sergival é gerado o público, cheio de humor, identidade e mérito de sua garra, na fileira de e maestria para envolvê-lo. Feito um raio dos que vão crescendo na busca dos ambulantes das feiras, tira do caçua sepaços como Mestrinho (este já no topo), melhor produto cultural: instrumento a Lula Ribeiro, Héloa, Coutto Orchestra, instrumento, metáfora para vender seu The Baggios, Patrícia Polayne, entre outros. Também prima pelo figurino com tons, que vão mostrando as unhas coloridas e referências nordestinas que vão das xilogravuras de cordel fora do Estado. Neste nicho, o músico às indumentárias de folguedos nativos. Nesta consciência de *show*, a expressão mesmo em tempos de globalização e corporal enriquece as performances com internet: tem que ser retirante se quiser coreografias mimetizadas de manifestações como samba de parceria, reisado mesmo, permanência e sobrevivência. São Gonçalo.

Valendo-se disso, *Festança* tem o não fazer concessões mercadológicas, gress, lavoura em festa. Tem muito de um *print* na tradição sem abrir mão da Sergipe e Sergival no sentido de expor o qualidade e da irreverência próprias da musicalidade (regional) atual, um gênero sujeito a preconceitos redimido sem saudosismo, compromisso cionistas de ver o nordestino e sua arte verdadeira, muita alegria e energia criada como algo menor, periférico ou sem valor. É se impor pelo valor e não pelo

chororô dos despossuídos. Já o artista, reafirma-se nas duas frentes, mantém-se exímio *showman* à medida que imprime um produto muito bem acabado em disco. Coisa que nem sempre caminha de forma equânime até para nomes já consagrados no Nordeste.

Figura humana carismática, cheio de engenhos, declamador, poeta popular, já levou o nosso forró para Londres e Lisboa em eventos do gênero, Sergival segue representando o “Sergipinho” com fibra sertaneja e sem inocências, colhe reconhecimento ao ser indicado à pré-seleção do *Prêmio da Música Brasileira* (antigo Prêmio Tim).

Quer mais? Veja seu nome, tem quase todo o vocabulário mimetizando seu Estado de origem, (é sergipano até no nome), provém de **Sergivaldo**: revela que “a criatividade e a originalidade são pontos marcantes da sua personalidade, o que significa que ele irá usar todo esse talento para inventar personagens e inovar as antigas brincadeiras”.

Precisa explicar mais alguma coisa? **C**

almanaque da memória



A estreia literária de Tina Correia

Maria Adélia Mota da Silva

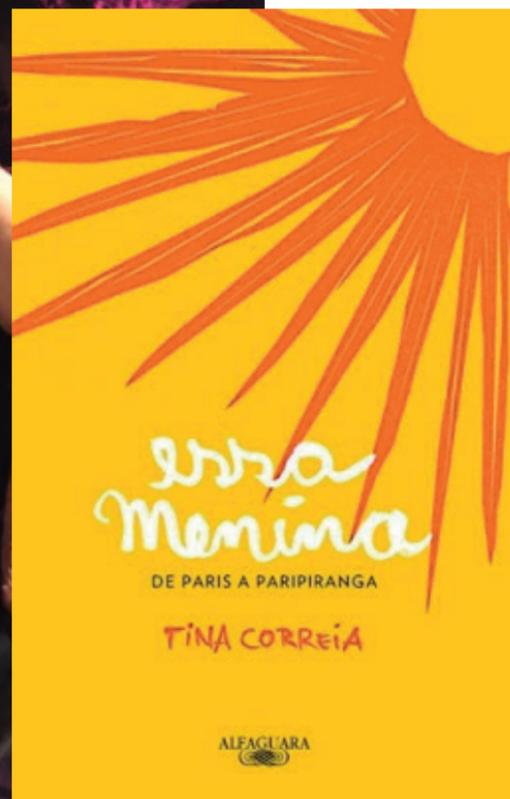
Nas afetuosas conversas entre Marcel Proust e Céleste Albaret, a infância era tema recorrente. Proust dizia que, na infância, tudo começava: o paraíso ou o inferno. É nesse ponto que não posso deixar passar a leitura de *Essa Menina* (Rio de Janeiro, Alfaguara, 2016), de Tina Correia. O livro é um convite delicioso a recuperar uma fase da vida que, para alguns, é maravilhosa e, para outros, fatídica. O fascinante é que a leitura, com apenas algumas exceções, é uma narrativa de fatos e histórias do cotidiano pobre, de uma vida simples. É uma narrativa deliciosa, leve, direta, até didática, de uma etapa que nos marca para sempre.

O tempo redescoberto não vem de uma madeleine ou de um cheiro; vem da necessidade humana de resgatar aquilo que a memória não consegue mais guardar. O indício do esquecimento de uma

vida tão singular seria um desperdício. Portanto, nasce a urgência de pô-la no papel. A arte da escrita, no livro de Tina, é um tributo às histórias anônimas de nossa terra natal. Não sem razão de ser, a personagem principal tem o nome de Esperança, algo muito simbólico, tendo em vista as tantas memórias afetivas que são deliciosas e representativas. É a esperança de que a criança dentro de nós ainda viva. Para nos mostrar o caminho, a leitura nos pega pela mão e nos apresenta um espelho. A reminiscência de *Essa Menina* é da autora, é minha, é de quem lerá a obra. É um exercício de Memória Coletiva. São lembranças abundantes, mas não hemorrágicas; singelas, mas não piegas. Quem as lê se apropria de um passado vivido por alguém que nos é próximo. O tempo redescoberto é tão concreto que podemos tocá-lo.



Com a escritora Nelida Piñon



“Foi difícil para mim ater-me à narrativa, tão seduzido estava pelas recordações que jorravam na minha alma nordestina. Não que o livro seja meramente regional. Antes, é um livro sociológico e político. (...) O livro é rico como retrato e mais rico ainda como radiografia de um tempo e de um mundo. (...) É um livro nordestino sem ser nordestinoso. Essa Tina é craque. Que escreva outro.”

MARCOS VILLAÇA (ABL)

“Li com muito gosto o livro *Essa Menina*. Um belo exercício de recuperação da memória, de um ponto de vista feminino e brasileiro. Que ela se anime e venham outros títulos.”

ANA MARIA MACHADO (ABL)

“Ficar indiferente à história é muito difícil, pois a memória afetiva do livro é terapêutica.”

Das recordações afetivas que estão no romance, uma é representativa da alma da narrativa. *Essa Menina* diz que “o desejo de ser bonita foi ocupado pela alegria de ser criança”. Essa alegria percorre a história de uma forma idílica e envolvente. Quem lê a narrativa tem duas opções: ou se emociona, porque há a identificação, ou se apropria das lembranças como se fossem particularidades. Ficar indiferente à história é muito difícil, pois a memória afetiva do livro é terapêutica.

Quando li a obra, tive a impressão de que a autora produzira cada capítulo como um conto. Mesmo sabendo que, na narrativa, um final traz uma referência ao conteúdo do capítulo posterior, ler saltando partes é possível e, para um trabalho pedagógico, é didático e confortante, pois a identificação, no que tange à infância, acontecerá inevitavelmente em muitas partes do romance. Sobre esse aspecto, a narradora pede “desculpas por ir e voltar nos relatos, atropelando às vezes a crono-

logia dos fatos, (...) num vaivém que parecia não acabar nunca”. É nesse momento que criamos a história que não é mais de Tina, e sim do leitor.

A obra é um almanaque de memórias: canções, vida de santos, simpatias, uso de plantas medicinais, trovas, cordéis, tristezas suportáveis e alegrias transformadoras. Há no livro a cor, a luz e o perfume da alfazema que usávamos no nosso primeiro dia de aula. Não há, na obra, o que Carlos Drummond de Andrade chamava, em “Resíduo”, de o insuportável mau cheiro da memória. As lembranças constroem uma renda de bilro com os fios da história, e o livro é uma gaveta perfumada pelo odor de um

“Li todo: texto saboroso, repleto de ‘causos’ (parece coisa de mineira...) coisa de menina prendada...”

Ótima descrição da Casa dos Peixes, que me recorda as descrições de Alejo Carpentier. (...) Adorei o capítulo ‘teológico’ do Anjo da Boca Mole (...) Também curti o capítulo ‘Mariano’ Nossa Senhora Malvada (...) A cara do Getúlio na macaxeira comprova um princípio epistemológico: todo ponto de vista é a vista a partir de um ponto. (...)”

MARCOS VILLAÇA (ABL)

“Essa Menina, abri o livro só para passar um rabo de olho. (...) Cada pedaço da história foi me puxando pro outro e eu já estava caindo de sono no Carnaval com Fratelli Vita (...) Conta mais, meu sabiá, vá! Seu contar é irresistível!”

ANA MARIA MACHADO (ABL)



Anselmo Goes e amigos no lançamento do livro em Niterói



Tina Correia

sabonete com o qual nos banhávamos na meninice.

Maurice Halbwachs, sociólogo francês, dizia que recorremos a testemunhos para reforçar e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação. Por isso, é impressionante como Tina Correia conseguiu trabalhar o que a História chama de memória secundária. Talvez, como Guimarães Rosa, tenha cadernetas de anotações ou sua memória seja prodigiosa, mas a vida da personagem de *Essa Menina* foi tão intensa e representativa que seria necessário resgatar mais de uma geração

de relatos. O que é construção ficcional ou memória coletiva? Nunca saberemos, mas quem lê tem a impressão de que já ouviu determinada história em algum momento de sua vida.

Resgatar as memórias da infância, o tempo perdido que não voltará mais, é, sem dúvida, um dos grandes méritos da obra. Seguramente, o lugar onde enteramos nosso umbigo ficará sempre latejando em nossas almas adultas e amarguradas. Entretanto, no mundo ficcional de *Essa Menina*, a alegria ainda existia. As sombras e os tormentos só chegaram com a idade. **C**

Poesia Udilson Soares



Udilson Soares Ribeiro, brasileiro, casado, natural de Paripiranga-BA, nascido em 19/07/1946, residente em Simão Dias-SE, onde recebeu o Título de Cidadão, protestante, socialista, Professor de Língua Portuguesa, Redação e Literatura, aposentado; habilitado como Professor de Língua Portuguesa, em Exame de Suficiência, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Maceió, em 1967; licenciado em Estudos Sociais, em 1977, pela UFS. Assessor dos Prefeitos Municipais de 1977 a 2012.

Poeta, autor do Livro "Palavras à Meia Luz" e de artigos religiosos. Organista, Regente de Coral Sacro, compositor da letra e da música dos Hinos de Escolas deste Município, da harmonia do Hino do Município de Poço Verde, de uma Marcha Triunfal em homenagem ao filho falecido, Tiago e de uma Valsa intitulada "Uma Valsa para Minha Nora". Esposa: Maria do Carmo Santos Ribeiro e Filho: Davi Soares Santos Ribeiro.

RUBRO-SOL

O sol vermelho
Cavalga nuvens de púrpura
E espia a tênue e fresca madrugada,
Que as fadas tecem
É que a passarada retira do baú das trevas
Repleta de homens insones
E de crianças famintas
E de mulheres cansadas
E de ilusões falidas.

nos olhos que se alongam
nas mãos que mal se estendem
e nos pés que vão para o nada.
esquecidos do momento e do rubro-sol
e absortos no antes e no depois
do amanhecer...

No campo, uma vaca muge
E as plantas esparsas miram terras sedentas e magras...
A cidade enlouquece sob apitos de fumaça
E espirais de ânsias...

(Há terras e mansões nos reinos do outro olhar...)
Mas o anti-sol (seria assim mesmo?) agora cresta
impiedosamente.

o coração dos homens
o farfalhar das folhas falhas
o gorjeio da passarada
o encantamento das fadas
porque se introjeta em eco espasmo do id atávico

já que o quiseram vermelho
contra-luz do anti-olhar: amarelo-sol...
Existir é pensar fantasias concretas, mas
não é ser...

Há coisas que existem sem ser
E há coisas que são sem existir;
O sol é, sem existir;
O homem existe, sem ser;

porque o sol não precisa de madrugadas
nem de fadas que as teçam
nem de pássaros que as resgatem
nem de homens que o queiram de
determinada cor;
enquanto o homem, sombra fugidia,
depende das fadas e das madrugadas
e da passarada...
e não distingue o rubro-sol do anti-sol
e se faz sol crestante que o esvai com as
próprias mãos
e o que se esvai, existe mas não é...

Não! Não atino com nada...
Meu olhar crístico e quimérico
Luz que se desluz na esvoaçante
madrugada...
multi -olhar...
Rubro-sol...

UM POEMA PARA FIINHA

Qual um riacho que corre
Natural e sem laurel
Me disseste (de bom grado)
Que "quando a gente morre
vira papé queimado"
E que "não existe Céu".
Porém eu não creio nisso.
Já que o bem só vem de Deus
(Sua Palavra não passa...)
E frutifica nos seus
Os eleitos pela graça.

Viveste a luta da Terra
Sob a luz de uma candeia,
Esquecendo as próprias dores,
Em favor da dor alheia,
Numa máquina de costura,
Em casas de aluguel,
Viúva e solitária,
Em lutas mil sem troféu.
De bens, de renda – carente;
O salário – quase nada;
Irmã, filhos, mãe doente
E varando madrugadas,
Sem de nada reclamares...
Revoltas nunca se viam
Té apertos eram flores
Que ao desencanto iludiam.

TRIOLE

O rio por onde passo
É rio de olhar esquivo
E dentro dele eu me enlaço...
O rio por onde eu passo
Até do céu tem pedaço
Em hipnose cativo...
O rio por onde passo
É rio de olhar esquivo...

A barca na qual navego
É só saudade e mistério...
E tem adufe e saltério
A barca na qual navego
Eu sou barca (sem rio)
De olhar vadio e etéreo
A barca na qual navego
É só saudade e mistério...

Eu não creio nunca, mãe
Que essa alma de menina
Papé queimado hoje seja

Em teu ateísmo amavas
"As Palava bela e os hino"
Membro és da invisa Igreja

São perfumadas as rosas
Por serem rosas... e belas
E as flores que aqui vicejam
Lá no céu viram estrelas;
Por, isso, naquele instante
Em que Jesus vai voltar,
No cortejo glorioso,
A ti vamos encontrar
Tão mais bela e tão mais pura,
Sorridente, à luz do dia,
Vivendo, então, na candura.
Que eras anjo e nem sabias...

E OS ANJOS?

Os anjos existem, sim!
Mas, se não existirem,
Nós os criaremos com a força da nossa esperança
E os ungiremos com o olor de nossa poesia
E os armaremos com a espada de nossos sonhos
E os vestiremos com a luminosidade da nossa fé...



Poesia

Anthony Ribeiro

TE ESCREVO DOS TRILHOS DE UM TREM

te escrevo dos trilhos de um trem
da beira de um penhasco
como quem entorna inteiro
um frasco de veneno
no intuito de molhar os lábios
te escrevo as tesouras sem ponta
e os bisturis mal amolados
te escrevo da tela
novinha em folha que comprei
pra revestir a janela
do décimo sétimo andar
das faixas de pedestre apagadas
mas percebidas de última hora
como o remédio errado
colocado pra fora
te escrevo bem de perto da saída de emergência
dos chumbinhos vencidos
das ambulâncias pontuais
e dos cortes profundos
com folhas de papel ofício
te escrevo dos buracos rasos
dos incêndios em galpões vazios
das quedas livres sobre camas elásticas
e da respiração boca-a-boca que você me faz
quando eu finjo que me afogo

A MORTE CHEGA À INTERNET

quando a gente morre
o perfil da gente
não morre junto

assim
as pessoas todas podem se identificar umas com as outras
depois que pelo menos uma delas
morrer

MANUAL PARA GRANDES VIAGENS

o importante é ter uma internet
rápida o bastante
pra postar o exato instante
em que o carro capota
(esteja você dentro dele
ou fora)

DRONE

não sei se você também percebe
mas sempre tem mais
de duas pessoas na sala
quando a gente eu e você
conversamos sozinhos
também não sei se é de propósito
mas do jeito que você me olha eu sinto que
eu sinto que o seu olhar poderia
me atravessar e cruzar a cidade
cortar o mar o oceano
os continentes do outro lado do mundo
contornar toda a superfície terrestre
pra dar a volta e me encontrar ainda ali
sentado no sofá
olhando de volta
apavorado de já estar
completamente preenchido
por você

CAFÉ

se eu morrer ainda calado,
mostre esta carta à minha mãe
diga que a amo mais do que parece
e que eu faria de tudo
pra que ela nunca ficasse sozinha
de novo
se eu morrer e não pedir perdão,
peça a minha mãe que não guarde mágoa
das vezes em que não estive lá
mesmo quando ela sempre estava
diga a ela que não pude ser o que ela esperava
porque eu sou eu
mas que se eu pudesse seria tudo
devolveria tudo
que ela perdeu por minha causa
console-a
diga que foi melhor eu ter morrido primeiro
já que o meu maior medo
sempre foi perdê-la
de vez

DEPOIS DE MIM

te vejo roer as unhas
duvidar
dizer alto não sou poeta
não sou nada além
não sou artista também
não sou nada além
de mim
te vejo assim
pelos cantos
desviando os olhares
desviando dos olhares
te vejo aos prantos
tentar e não conseguir
de novo
só te vejo sorrir quando só
no fim do dia
te vejo falar consigo
te vejo falar não consigo
e apesar de querer
não te sigo
quando a insegurança chega
você some de vista
escreve na cara
não sou artista
não sou poeta
nunca faço a coisa certa
amanhece
te sigo
mas nunca consigo
de dia
dizer que nos seus olhos
eu só vejo
poesia
poesia
poesia
poesia
ao invés disso
esquece



QUANDO A TV NÃO TINHA MEDO DE MORRER

A televisão, na sua origem, foi uma experiência de tentativa e erro. Até acertar.

Hoje, ameaçada pela internet, corre o risco de definhar, caso não invista mais em talento e menos em tecnologia. De que vale minha imagem em HD se o conteúdo é irrelevante? Televisão no mundo é feita por talentos que tentam, erram e acertam.

Em Sergipe isto não foi diferente. Desde o ano de 1971, quando foi inaugurada a TV Sergipe, o método empírico foi testado e aprovado nos mais diversos momentos. Mesmo refém dos limites tecnológicos ou financeiros, fazer televisão, em Sergipe especialmente, nunca teve receita pronta ou certa. Foi a ousadia de pessoas talentosas que determinou os resultados.

Vamos traçar uma linha do tempo e fazer uma pequena viagem...

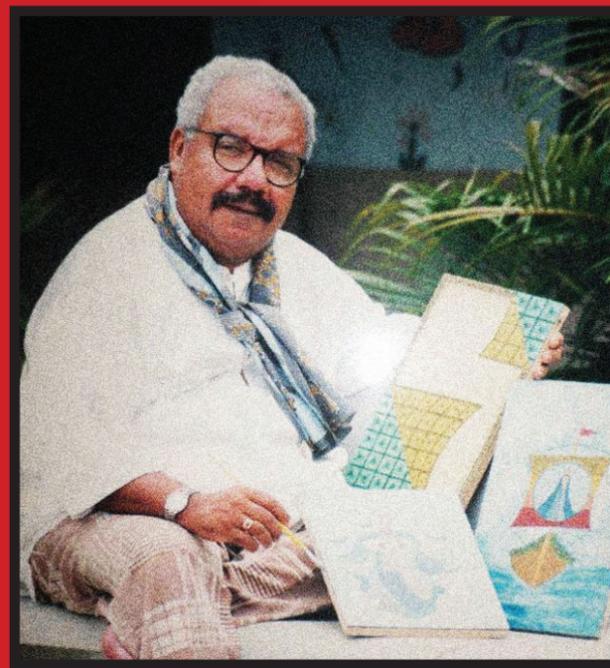
Estamos falando dos anos 70/80, o mundo em convulsão, o Brasil pobre de liberdades e prenhe de ideias. Em Aracaju, desde setembro de 71 tínhamos uma grande atração: uma emissora de televisão, ainda que em preto e branco, mas com valores locais.

NESTOR AMAZONAS<<

Fotos: Arcevo do autor

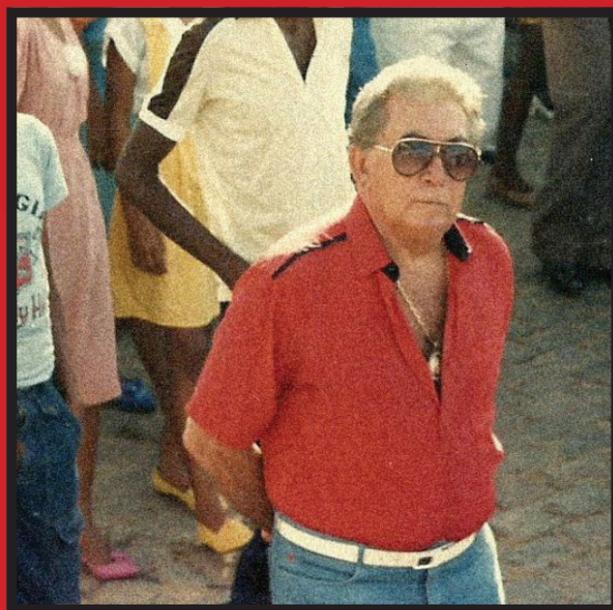
O DESEJO DE FAZER DEVE SEMPRE SER
MAIOR DO QUE O MEDO DE ERRAR.





João de Barros

“SE OS PROGRAMAS AO VIVO ERAM O APELO DOS FINAIS DE SEMANA, NO DECORRER DA SEMANA ERA O JORNALISMO QUE FAZIA O CORAÇÃO PALPITAR E O OLHO BRILHAR NOS ANOS 70/80”



Hilton Lopes



Theotônio Neto,
Nairson Menezes,
Adroaldo Campos e
Albano Franco

Salvo o grande sonhador e estimulador da ideia de uma televisão local, Nairson Menezes, que regressava a Sergipe após anos trabalhando em rádio e televisão em São Paulo, e um ou outro egresso do rádio (Sodré Jr, o Ribeirinho por exemplo... e outros) poucos sabiam como operar uma televisão. Quem era fotógrafo de jornal virava cinegrafista, quem era locutor, apresentador, e assim por diante, numa assimilação e vontade que revelaram muitos talentos. Em Sergipe não tinha ainda programação gerada por satélite nem para nós existia o vídeo-tape, luxos do Rio e São Paulo. Na TV Sergipe, a programação era filme (celulóide) ou ao vivo.

E a grande atração, os programas locais, foram se multiplicando: Nelson Souza, o pioneiro em programas ao vivo, é um grande sucesso, mas outros surgem, como o Cabo Zé, José Raimundo Ribeiro, e o seu “Domingo Alegre”. Animado com a estreia, Cabo Zé esquece que só (?) tinha duas horas e “estica” seu programa por seis horas. Isto seria um erro? Bendito erro, vira um sucesso como programa de calouros.

O jornalista Hugo Costa que era atração do “Domingo Alegre” vê a possibilidade de ter seu próprio programa e cria os “Hora H” e “O Show é Você”, apresentados aos sábados. Reinaldo Moura, na onda de sucesso do “Roteiro das Onze”, no rádio, apresenta o “Sábado Geral”, produção mais estruturada, um júri de primeira linha: César Cabral, Bombinha, Carlos Batalha e outros, e como

atração musical, um dos maiores conjuntos do momento, “Os Vikings”.

Luiz Trindade vai na trilha do Chacrinha e lança as “Luletes”, de shorts curtos e botas cano alto, eram a atração maior do “O Sábado é Nosso”, patrocínio do Café Sul Americano.

Para as crianças, o Clube Júnior, com Nazaré Carvalho e mais tarde o Tempo de Criança, com uma atriz/apresentadora/produzora em começo de carreira, Siomara Madureira, depois consagrada no Rio e New York.

Agora, imaginem tudo isso, feito num só estúdio, com horários consecutivos, com as mesmas duas câmeras e microfones, mil problemas técnicos. Os dois câmeras, Bombeirinho e Aluízio, exauridos mas motivados, Linhares e Gonzaga, da técnica, correndo para resolver problemas, Seo Ribeiro (Sodré Jr) tentando dar ordem ao caos, um inferno... corredores lotados de fãs candidatas a estrelas, erotizando o ambiente.

Se os programas ao vivo eram o apelo dos finais de semana, no decorrer da semana era o Jornalismo que fazia o coração palpitar e o olho brilhar nos anos 70/80. Sergio Guttemberg foi o pioneiro na TV Sergipe, se transferindo depois para a TV Atalaia. Quando todos se exaltavam, ele era a ilha de tranquilidade, cigarro sempre aceso, gerando nuvens de calma. Dermeval Gomes, Acival Gomes e Gilvan Fontes se revezam nos jornais noticiosos. Denise Lerner e Lili Nascimento, garantiram o espaço da mulher no vídeo, os olhos

intensamente azuis de Ângela Abreu iluminavam o Jornal Hoje ao lado de Watson Oliveira, doublé de médico que um dia virou monstro e soltou um explosivo e sonoro “porra” ao vivo, diante das inúmeras falhas operacionais... erros, erros... Watson foi suspenso, aposentou o Mister Hyde interno, deixou a TV Sergipe e seguiu a brilhante carreira de geriatra.

Por trás das câmeras, um caos – limites técnicos e financeiros exigiam o chamado “esforço de reportagem”. Num deles, crise com a cúria: O cinegrafista Antonio Piúga cobria a Procissão dos Navegantes, vestido a caráter, ou seja, uma exígua sunga... seguia o andor e sem perceber entra na Catedral e por um ângulo melhor, subiu num altar lateral... Dom Luciano Cabral Duarte, Arcebispo da ocasião, quase em síncope não acredita naquela visão do diabo, exige, providências... a TV Sergipe repete o bordão: “desculpe a nossa falha”. A igreja, generosa, perdoa e segue a procissão.

Um dia Walter Clark, o menino-prodígio da recém poderosa Rede Globo vem a Sergipe conhecer a nova afiliada e receber seu título de cidadão sergipano. Theotônio Neto, então diretor de jornalismo da TV Sergipe, produz um jornal local 100% a cores, algo que nem o Jornal Nacional conseguia fazer, à época. Impressionado, Walter quer saber se aquilo era normal e Théo, cara-de-pau, explica que foi uma demonstração do poder do talento local.

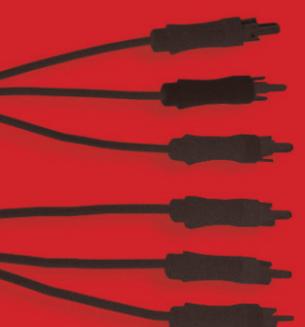
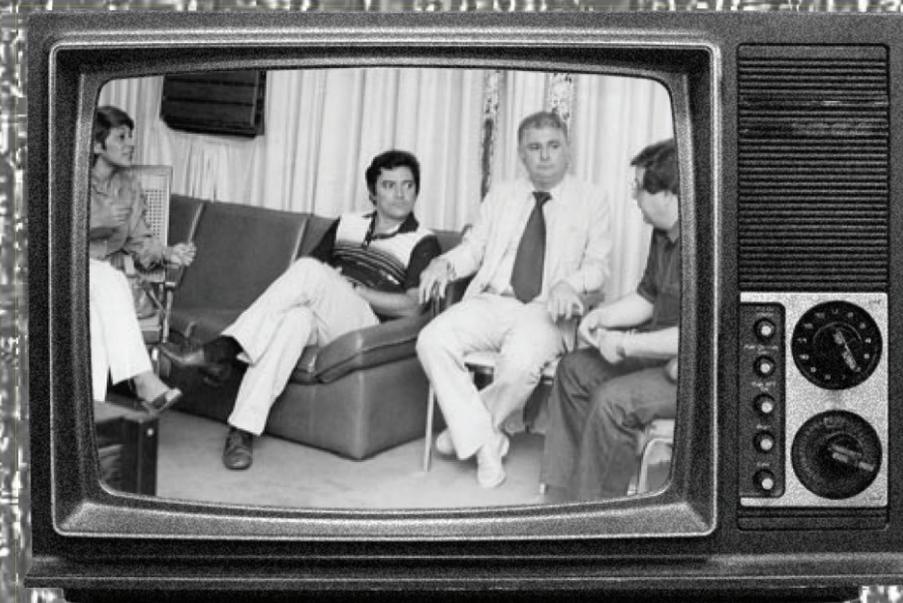
Mesmo sabendo que foi um “jornal fake”, Walter Clark elogia o padrão do texto e das imagens e Sergipe começa a ganhar espaço no jornalismo político da Rede Globo, tanto que

Theotônio Neto é levado para ajudar a fundar o novo Núcleo Político da Globo, em Brasília.

Este espaço local se amplia quando Mozart Santos, representando os novos donos da TV Sergipe (TV Aratu – Globo da Bahia), aposta na dobradinha jornalismo/entretenimento como modelo de sucesso. Aí foi que o medo de errar começou a perder de goleada.

A tese do fazer, mesmo que errando, ganha um novo impulso e surgem mais espaços locais, como o Bom dia Sergipe (Carlos França, Euler Ferreira) e TV Mulher (Fátima Boto, Clara Angélica) estes, acertando muito mais que errando. Na cozinha do jornalismo (redação), profissionais já consagrados como Milton Alves, Antônio Vieira, Gilvan Manoel, Carlos Alberto Souza e vários outros, dão um novo sentido a produção local imprimindo qualidade e rigor técnico. E mais talentos aflorando, no vídeo, Chiquinho Barreto, Nivaldo Menezes, Luiz Fialho, Carlos Ferreira, Luzinete Silva; como câmeras, além dos consagrados Amilton Góes, Antônio Piúga e Gilberto Amaral, a TV Sergipe desta época revela Wanderley Santana de Jesus e Wilson Góes, entre outros. Edson Vieira e Maria do Carmo como montadores e Roberto dos Santos como laboratorista. Todos errando e fazendo, acertando e fazendo.

Mozart Santos, então Superintendente da emissora, adota uma política de incentivo cultural onde os grupos artísticos de Sergipe teriam divulgação gratuita na grade da TV, além do espaço jornalístico. Começa um exercício não planejado





Nairson Menezes

de formação de plateias. Espaço para o teatro sergipano com os Grupo Raízes e Imbuça. Nas artes plásticas, Aduato Machado, Zé Fernandes, Dionéia Patterson, Eurico Luiz, Joubert Moraes, Cãa e Zeus, e muitos outros se realizam com o Arte Sergipe Hoje, exposição patrocinada pela TV Sergipe que ganhou o mundo. O mercado artístico agradece.

Na telinha, Hilton Lopes, orgulho do Aribé, assume o comando dos programas das festas de Carnaval e São João. Era a cultura popular no vídeo, em alto e bom som. Um outro grande destaque foi a transmissão, ao vivo (fato inédito e raro naquela época) do Baile dos Artistas, evento maior do carnaval sergipano, idealizado e realizado por João de Barros, o Barrinhos - Primeiro e Único, de talento ímpar. Nesta transmissão de gala, repórteres de smoking davam o tom da seriedade da festa onde jurados como as manequins Luana, Elke Maravilha e Silvinho Cabeleireiro, do Programa do Chacrinha, se revezavam nos comentários das fantasias. Um dos repórteres entrevistou Madame Consuelo, uma das artistas convidadas, ao encerrar ganhou ao vivo, um tórrido beijo na boca. Ficou eufó-

“O QUE TIVEMOS DE MELHOR NUM DETERMINADO MOMENTO DA TELEVISÃO, EM SERGIPE, FOI FRUTO DA OUSADIA DE UM GRUPO DE PESSOAS, INDEPENDENTE DA EMISSORA”

rico. Só depois ficou sabendo que Madame Consuelo era uma transformista de sucesso da noite parisiense. Teria sido um erro?

Na área musical o Festival Sergipano da Música Popular Brasileira destacou o potencial represado. O I-FSMPB bota fogo nas torcidas, no Ginásio Constâncio Vieira, transmitido ao vivo (com muitos erros), leva para todo o estado a vitória de Alcides Mello, com o “Mercado Thales Ferraz”. Microfonia, som baixo, microfones pifados... erros. Um certo repórter se prepara para o flash ao vivo do Jornal Nacional, edição local, compenetrado não ouve o sinal para começar a falar e sem notar faz exercícios de vocalização: no ar, ao vivo, toma uma vaia de 5 mil pessoas... Jorge Carlos Gomes, coordenador do Festival grita que nunca viu tantos erros... tantos erros que produziram uma coisa tão bela e grandiosa, que gerou sementes tão fortes, que é possível perceber seus efeitos até nos dias de hoje.

No mesmo estilo de fazer sem medo de errar, porém num ritmo mais comedido a TV Atalaia aparece em 1975 como uma alternativa para o modelo da Globo em Sergipe. Sem pagar o ônus do pioneirismo a nova emissora logo se posiciona com



Jairo Alves e Gilvan Fontes

um apelo mais popular e começa a dividir audiência e talentos. O progressivo engessamento da grade de programação da TV Sergipe, pela Globo, estimula a TV Atalaia e várias atrações (Reinaldo Moura, Luiz Trindade, Hilton Lopes) mudam de casa e criam uma segunda janela de oportunidade para os talentos locais. Na tela da TV Atalaia, a coluna social eletrônica de João de Barros – Barrinhos, faz escola. A sucessiva troca de bandeiras da TV Atalaia (Tupy, Bandeirantes, SBT e Record) dificulta a formação de uma marca nacional, e por via indireta passa a ser uma televisão mais identificada com o público sergipano, apesar da TV Sergipe ser a de maior audiência.

Em 1985 nasce a Aperipê TV, emissora pública que aposta em produções locais. Apesar dos esforços isolados de dirigentes, funcionários e classe artística, a vulnerabilidade política da TV Aperipê, a mercê de indicações avulsas e atemporais, sofre com a falta de uma programação continuada, e vive entre espasmos de gestão e falta de verbas. Até hoje.

Numa tentativa de criar um contraponto político, já que TV Sergipe e

TV Atalaia são da família Franco, surge em 1987 a TV Jornal, uma iniciativa do Grupo João Alves que tenta também ter foco nos eventos (Pré-Caju e São João), não consegue uma afiliação forte (começa com a Rede Manchete e depois se filia a Bandeirantes), dura apenas 10 anos e logo vira uma emissora religiosa da Rede Canção Nova.

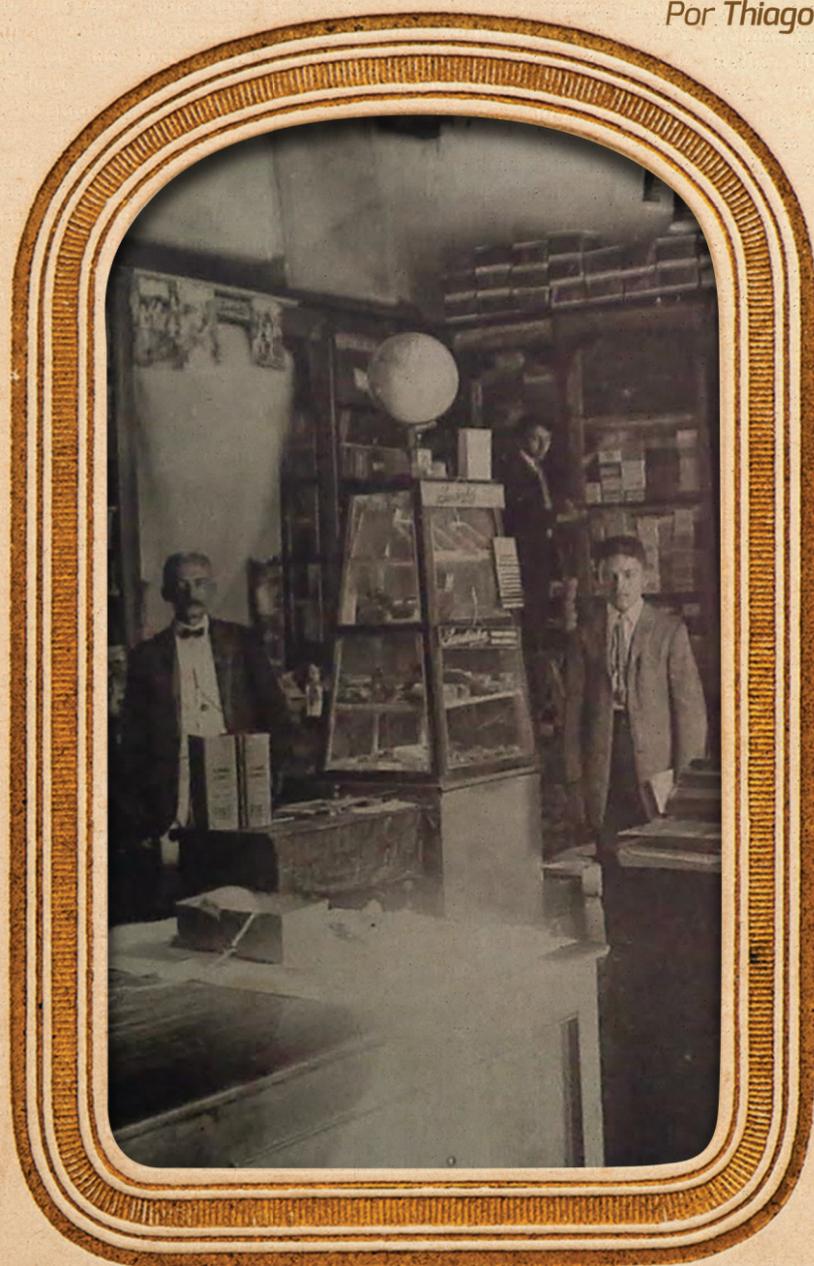
A oxigenação da televisão vem com o advento da tv paga, via cabo. E a TV Cidade, recupera o antigo espírito de fazer sem medo de errar, vários programas aparecem e desaparecem no Canal 20, nas suas sucessivas gestões. O tamanho do mercado anunciante não comporta quatro emissoras comerciais e uma quinta, TV Caju News, tenta mas não consegue se firmar.

O que tivemos de melhor num determinado momento da televisão, em Sergipe, foi fruto da ousadia de um grupo de pessoas, independente da emissora em que estivessem, que não teve medo de errar, embora buscasse sempre fazer o melhor. Este destemor faz falta hoje.

O desejo de fazer deve sempre ser maior do que o medo de errar. **C**

XAVIER DE ASSIS E A LIVRARIA BRAZILEIRA

Por Thiago Fragata



A Livraria Brasileira (1907/1910) antecedeu uma década a famosa Livraria Regina (1918/1970). Como esta, também editou, publicou, vendeu e revendeu obras de autores nacionais e estrangeiros. A exclusividade na representação de importantes revistas, exemplo da Fon-fon e Kosmos, era um trunfo do experiente agenciador Xavier de Assis. À sua época, os cafés, cinematógrafos e teatros animavam a cena cultural aracajuana mas faltavam livrarias, sobretudo, uma boa livraria.

A concepção de livraria fugia muito a realidade atual. Independente da Livraria Brasileira ofertar livros “a preço dos livros do Rio de Janeiro”, a Capital Federal, mantinha perfil de papelaria com serviço tipográfico; vendia também produtos de beleza, equipamentos musicais, dentre outros. Captamos isso na poesia do Dr. Vargas publicada na Folha de Sergipe, edição de 22 de março de 1908:

“A Livraria do Assis
Vale a pena visitar
Além do agrado do dono
E do Fausto auxiliar
Tem cousas boas e bellas
Que convem apreciar.

Quem ali vai compra um
Tem um outro de presente:
Escovinha pra bigode,
Mignon, delicado pente,

N’um estojo de camuça,
Couzinha mesmo patente.

E por ser a Brasileira
Em o bello Aracaju,
Desperta a nossa atenção
A livraria bijou
tem gramophone que canta
como canta o canhaçu”.

(Antonio Teixeira Fontes – Dr. Vargas)

Atente que escova de bigode e gramophone figuram como itens da festejada casa comercial. Realmente, a diversificação de seus produtos e serviços impactou o comércio local. Antes desta configuração ela tinha um outro nome: Papelaria e Livraria Moderna.

Em 1907 a famosa Livraria Brasileira localiza-se na rua da Aurora, nº 65, mudando seu endereço no ano seguinte para rua Japaratuba, nº 21, com melhores instalações. Afirmava o seu bordão, repetido nos jornais, que era “*programa desta casa manter constante sortimento, de livros de bons autores e ao alcance de todas as bolsas*”. Lá poderiam ser encontradas as obras de Victor Hugo, Gorki, Tobias Barreto, Flaubert, Euclides da Cunha, Casimiro de Abreu, Coelho Neto, Eduardo de Noronha, Gonçalves Crespo, Camões, Bocage, Alexandre Dumas, Cervantes, Zola; as obras científicas de C. Flamarion, Lou-





is Figuiier, Schopenhauer, Spencer, Jules Payot, Leo Denis, Allan Kardec, Luiz Buchner, Pierre Mael, Max Nordan, Visconde de Saboia, etc. Além das gramáticas de Halbout, João Ribeiro e Maximino Maciel; também almanaques, mapas do Acre, Brasil, Europa. Em uma propaganda do Correio de Aracaju, de 1º de agosto daquele ano, anuncia que o “vapor *Estrella* trouxe novidades: Homossexualismo, de Pires de Almeida; As pupilas do Senhor Reitor, de Julio Diniz, Noções práticas para o cultivo da maniçoba, de Joaquim Antônio de Souza”.

A mudança para um prédio mais amplo garantiu o sucesso. Da difusão de revistas, livros didáticos e romances, inclusive estrangeiros (alemão, francês e inglês), driblando a concorrência da Livro-Papelaria Araújo e da Livraria Com-



mercial, tornou-se o “grande empório de papéis para todos os misteres”, vendendo e revendendo “de material de escritório a papel higiênico, em retalho e grosso”. Fazia descontos de “20% em todas as obras *litterárias*, 10% nas obras científicas e de *instrução* primária e secundária, inclusive atlas, *mappas* geográficos e dicionários”.

Nos jornais coetâneos observamos que a livraria ofertou um grande sortimento de canetas-tinteiro do fabricante norte-americano Aikin Lambert C., sendo que todas possuíam penas ou anéis dourados. Capitol, Imperial e Mercantil eram as principais marcas. Detalhe: “o ouro empregado é de 18 quilates e a Livraria Brasileira é a única recebedora deste artigo”.

Na secção cartas enviadas a redação de O Estado de Sergipe, jornal de propriedade de Monteiro Filho e Xavier de Assis contratado pelo Governo do Estado, lemos na edição de 14 de dezembro de 1910 sobre o fim da livraria. Justifica o seu proprietário “havendo encerrado as atividades no dia 30 do p. Findo [30 de novembro] as *transações* da Livraria Brasileira cuja casa era mantida nesta praça sob a minha firma individual, *occupo-me* de hora em diante da Casa Xavier, ficando todo o *activo* e passivo da livraria sob a minha responsabilidade pessoal”.

O novo empreendimento tinha o comércio de equipamentos, insumos e uma diversidade de produtos agrícolas co-



mo foco. E, mais uma vez, seu proprietário apostava na representação exclusiva de importantes fábricas e fornecedores enquanto fórmula de sucesso. Dos serviços oferecidos pela extinta livraria, a Casa Xavier manteve somente a tipografia para edição de obras avulsas. Aliás, a tipografia norteou a vida e os negócios de Xavier de Assis, da alfabetização ao amadurecimento como empreendedor e intelectual.

A difícil biografia

Biografar Antônio Xavier de Assis é tarefa difícil, e qualquer esforço apenas rascunhará lances da sua atribulada vida. De largada, vejamos dois pontos inusitados. Primeiro, os pesquisadores da história da Educação, há muito, concentraram seus trabalhos no ambiente escolar e no aprendizado formal, desconsiderando o aprendizado informal, inclusive o familiar. Imagine então alguém aprender a ler e a escrever na redação de um jornal, no manejo diário de caixas tipográficas, concatenando letras para compor palavras, textos. Xavier de Assis foi um desses casos, que não podemos classificar exclusivo. Como a tipografia representava a escola da infância pobre, ele buscou conciliar a ausência da família e a necessidade do trabalho.

Além da escolarização facultada pela tipografia, um segundo tema suscitado pela



Xavier de Assis

“Assis militou nas fileiras do agrupamento político liderado pelo Monsenhor Olímpio Campos, tomando parte na comissão responsável pela arrecadação de fundos para edificação da estátua do religioso assassinado em 1906.”





trajetória de Xavier de Assis é a definição de artista. Ele foi eleito intendente, gestão 1903 e 1904, figurando como “artista” na legenda eleitoral em razão da vasta experiência nos jornais. Quando pensarmos a manifestação das artes num dado contexto histórico-geográfico, faz-se mister buscar a imprensa, especialmente, as tipografias. Compor a chapa-matriz ou uma xilogravura é um exercício artístico, assim nasceram os artistas-gráficos e/ou os chargistas.

Cumprida a aparente digressão, voltemos a Antônio Xavier de Assis, que nasceu em Pão de Açúcar, Alagoas, no dia 15 de junho de 1870. Cedo, perdeu os pais, Manuel Xavier de Assis e Maria Inês da Soledade Tavares Nunes de Assis. Aos 12 anos, foi trabalhar como aprendiz nas oficinas tipográficas de “O Trabalho”, de propriedade de Aquiles Balbino de Lelis Melo, que transferiu a sede do jornal para Penedo em 1893. Quatro anos depois, o discípulo funda, na mesma cidade, o “Tribuna Popular”, figurando como diretor-proprietário. Embora não ostentasse título de órgão político, mantinha coluna de oposição ao governo do Estado; daí, “o clima de intolerância que se criou em torno dele forçou-lhe a mudar-se para Sergipe, o que fez recorrendo à amizade que travara com o Dr. Josino Menezes, quando este residia em Penedo e exercia a profissão de farmacêutico”.

Em Sergipe, Xavier de Assis retornou aos conhecimentos da arte tipográfica,

atuando como fundador e editor-proprietário do jornal “O Estado de Sergipe”. No trabalho A República das Letras em Sergipe, de Cristiane Vitória, ela identificou, no período de 1889 a 1930, a “criação de um mercado de livros, antes inexistente.” (12) Além das tipografias dos jornais, alguns estabelecimentos voltaram-se especificamente para a impressão de obras. Só na capital, foram criadas 13 tipografias. Mesmo quando instalada a Casa Xavier em 1910, loja voltada aos produtos do homem do campo, Xavier de Assis continua com o serviço tipográfico. De acordo com algumas obras analisadas, construímos o seu roteiro de atuação: Livraria Moderna (1903/1906), Tipografia da Livraria Brasileira (1907/1910), Tipografia Xavier (1911/1913), Editor Antônio Xavier de Assis (1911/1913). Entre os intelectuais sergipanos que recorreram aos seus préstimos, figuram Francisco Carneiro Nobre de Lacerda (A Década Republicana, 1906), Guilhermino Amâncio Bezerra (Executivo-hipotecário, 1907), Francisco Soares de Britto Travassos (Questão do Engenho Rio Vermelho, 1908), Joaquim do Prado Sampaio Leite (Literatura como criação humana e manifestação social, 1911), Antônio Militão de Bragança (A Varíola em Laranjeiras, 1912), Carlota Salles de Campos (Torturejos - versos, 1912) e Gumerindo Bessa (Em Minha Defesa, 1910; Memorial, 1913).

Assis militou nas fileiras do agrupamento político liderado pelo Monsenhor



Olimpio Campos, tomando parte na comissão responsável pela arrecadação de fundos para edificação da estátua do religioso assassinado em 1906. Em 1916, inaugurou-se a estátua. Influente na cena sergipana, participou de campanhas mutualistas no início do século XX. Aparece na condição de sócio da Sociedade Amparo das Famílias entre os anos de 1902 e 1907. Foi presidente do Centro Operário Sergipano em 1911, ao tempo em que a Casa Xavier editou o estatuto e forneceu material didático da Escola Operária Horácio Hora. Atuou ainda como Inspetor Escolar entre os anos de 1912 e 1930; também como advogado provisionado. Nada sabemos a respeito da patente de major que ostentava no meio social.

Além da Casa Xavier, seu proprietário montou em Aracaju uma fábrica de sabonete e perfumaria com aparelhagem importada da França e da Alemanha. Em 1914, seguiu para Maceió e levou a família com o propósito de fixar residência na referida cidade, onde comprara duas fábricas: uma de bebida e outra de tomata-da. Dois anos depois, regressou a Aracaju. Tornou-se então representante em Sergipe de diversas firmas comerciais de Pernambuco, Bahia, Paraíba e Rio de Janeiro, explorando os ramos de couros e peles, madeiras, algodão, mica, charque e bacalhau.

Importante destacar sua contribuição como autor de variados artigos. Nu-

Livraria Brasileira

É do programma desta casa manter constante sortimento de livros de bons auctores e ao alcance de todas as bôlsas.

Pelo ultimo vapor chegaram obras dos seguintes escriptores: Julio Verne, Bocage, Octave Mirbeau, Hypacio de Brion, Camões, Daudet, Mirabeau, Adolpho Belot, A. D'Enery, Balzac, Silva Jardim, Dumas Filho, J. T. Monteiro, Gorki, Castello Branco, Barros Guimarães, Alnachio Diniz, Victor Hugo, Euclides Cunha, Ricardo de Sá, Samuel Martins, Eaurindo Leão, Carolus Ladoucette, Netto Campello, Amelia Bevilacqua, Cervantes, Lytton, Ladisláu Batalha, Saussay, Sá Pereira, Tobias Barretto, Meck Lassen, Catulle Mendez, Blasco Ibanez, Gomes Leal, Flaubert, Cleto Campello e Dubut de Lafrestes.

Recomendamos as importantes obras DUAS MIL LEGUAS NO HINDUSTÃO, de Hypacio de Brion, volume artistico e digno por todos os titulos para um bonito presente.

HOMOSEXUALISMO, do Dr. Pires de Almeida, e AS PUPILLAS DO SNR. REITOR, de Julio Dierix, edição de luxo que está sendo publicada em Lisboa.

Além destas, temos muitas outras de festejados auctores.

RUA DA AURORA, 65
ARACAJU

ma pesquisa, Epiphânio Dória identificou seus trabalhos no Jornal do Povo, Correio de Aracaju, Jornal de Notícias e O Estado de Sergipe. Agricultura, educação, economia, história e sociedade são temas recorrentes na pena do erudito Xavier de Assis. Um de seus artigos que merece atenção dos historiadores intitula-se “A Capital de Sergipe: onde nasceu o arraial de São Cristóvão”, publicado na Enciclopédia da Ilustração Brasileira em 1922.

No dia 21 de novembro de 1939, faleceu o homem que fez da tipografia uma bússola a orientar a vida e os negócios, destacando-se como intelectual e empreendedor. Sua Livraria Brasileira figura na condição de marco da produção da literatura, especialmente sergipana, e na divulgação de obras nacionais e internacionais.



Rosário do Catete e a História Política de Sergipe

Por Adailton Andrade



Getúlio Vargas em Sergipe



Engenho Santa Bárbara

Ao trafegar na rodovia que corta a BR-101 no sentido de Aracaju a Propriá, logo se vê, na entrada da cidade de Rosário do Catete, uma grande imagem de nossa Senhora do Rosário, além de muitas barracas de vendedores de milho. Mas os que passam não têm a ideia do que foi esse município no contexto na história política de Sergipe.

As terras ocupadas pela Cidade de Rosário do Catete pertenciam ao antigo engenho Jordão, de propriedade de Jorge de Almeida Campos, que as doou para construção da capela de Nossa Senhora do Rosário.

Sabe-se que foi lá onde que nasceu João Gomes de Melo, o Barão de Maruim, no engenho Santa Barbara de baixo. Ele foi o responsável pela assinatura da ata de mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju, fato que aconteceu no engenho “Unha de Gato” pertencente a uma família de portugueses, e, posteriormente, ao Barão.

A história de Rosário do Catete tem início em 1575, quando houve a primeira tentativa de conquista de Sergipe por Luiz de Brito, governador da Bahia. É a referência mais antiga. Bem próximo ao local em que a atual cidade se encontra, existia uma aldeia de índios. Que viviam sob o comando do índio Siriry.

A povoação rosarense crescia tanto que, por volta de 1828, a Câmara de Santo Amaro resolveu transferir para Rosá-

rio a sede do município de Maruim. Os habitantes de Santo Amaro e Maruim declararam guerra entre si. O Governo da província acabou intervindo e ratificando a decisão da Câmara de Santo Amaro. De uma canetada só, a povoação de Rosário do Catete passava à freguesia, vila e sede de município. Mas isso durou pouco. As reações de Maruim foram fortes e, em 3 de fevereiro de 1831, Rosário volta a pertencer a Santo Amaro como povoamento e freguesia. Cinco anos depois, ela se tornava Vila de Nossa Senhora do Rosário do Catete.

Berço de intelectuais Sergipanos

Antonio Garcia Filho - Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1941. Iniciou suas atividades como médico em Aracaju, transferindo-se depois para a cidade de Laranjeiras/SE. Foi o primeiro Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários desta Universidade e seu primeiro professor de Anestesiologia na Faculdade de Medicina. Foi professor de Nutrição da Faculdade Católica de Ciências Sociais. Foi membro da Academia Sergipana de Letras onde ocupou a Cadeira No. 1, cujo patrono foi o intelectual Tobias Barreto de Menezes. Além de poeta foi compositor de músicas. É o autor da letra do Hino do 28º Batalhão de Caçadores e do Hino da Cidade de Rosário do Catete.



Augusto Maynard

Manuel Cabral Machado - professor, intelectual, homem público e um dos maiores vultos do século XX, que marcou com sua presença décadas seguidas com atividades inovadoras. Filho do médico Odilon Ferreira Machado que também foi prefeito em Rosário em um mandato de dois anos de 1920 a 1922. Publicou diversos livros, destacando-se: Brava Gente Sergipana e outros bravos (1999), Elegias a Elohim, Poemas à mãe de Deus, Aproximações Críticas (todos de 2002), Baladas de bem-querer à Bahia (2003) e O aprendiz de oboé (2005). Presidiu a Academia Sergipana de Letras, e frequentou, permanentemente, as suas sessões, como um dos mais atuantes debatedores, também foi membro da Academia Brasileira de Ciências Sociais criado em Capela, cidade onde seu pai voltou a fixar-se, foi também, o vice governador de Sergipe na gestão de Lourival Batista. Morreu com 92 anos, em 2009, no Hospital São Lucas por falência múltipla de órgãos.

Maximino de Araújo Maciel - nasceu em Rosário no dia 20 de abril de 1866. Fez os preparatórios em Sergipe e em seguida mudou-se para o Rio de Janeiro onde formou-se em Direito (1890-1894) e Medicina (1896-1901). Foi professor catedrático de língua portuguesa no Colégio Militar, desde 1893. Em 1919, atingiu o posto de Tenente Coronel. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico

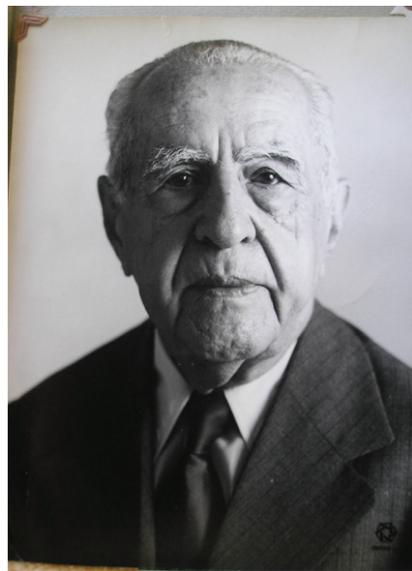
de Sergipe e outras instituições científicas e culturais do Rio de Janeiro e Sergipe, Gramática Analítica, Filologia Portuguesa, Gramática Descritiva, Taxionomia Social, Lições de Botânica Geral, Noções de Agronomia, Lições Elementares de Língua Portuguesa, Elementos de Botânica Geral e Elementos de Zoologia.

Celeiro de Grandes Políticos

Conhecido como celeiro político de Sergipe, de Santo Amaro saíram Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel que foi deputado no Império e senador na República. Mais tarde, seu filho, Leandro Maynard Maciel, seria governador do Estado. Outras figuras marcantes foram Augusto Maynard Gomes e Edelzio Viera de Melo que foi vice-governador assumindo mais tarde o governo. Deste modo, Rosário ofertou a Sergipe quatro nomes a governar o Estado. Leandro Maynard Maciel em 1960 foi indicado para ser vice-presidente da República na chapa de Jânio Quadros, mas renunciou em favor de Milton Campos.

Sede de Assembleia Legislativa do Estado e Sede do Governo

Foi sede da Assembleia legislativa na eleição para o Senado da República em 1894. Em meio a contendas o presidente do estado (cargo correspondente,



Leandro Maciel

hoje, ao de governador), José Calazans, transferiu a sede do governo sergipano de Aracaju para a cidade de Rosário do Catete e esse ato foi visto por seus opositores como de abandono do poder. Sílvio Romero, em praça pública, defendeu, então, a passagem do governo para o presidente da Assembleia Legislativa, João Vieira Leite, favorável ao grupo valadonista, que foi de fato empossado em 11 de setembro de 1894. A situação de duplicidade de poderes instalada nesse momento levou ao surgimento dos apelidos que iriam identificar as rivalidades da política sergipana na Primeira República: os “pebas”, que ficaram nas areias de Aracaju, e os “cabaús”, reunidos na zona dos engenhos de Rosário Catete. A Assembleia funcionou na rua de baixo e o governador despachava no Paço Municipal, segundo a descrição de alguns documentos.

Rosário do Catete e a geração dos bacharéis e médicos de Sergipe

Essa geração revolucionou a Faculdade de Direito do Recife e na Faculdade de Medicina da Bahia os cânones vigentes, difundindo novas ideias e assim fixando os fundamentos da Cultura Brasileira. São eles:

Antônio Dias de Pinna - advogado fundador do curso de direito da USP. Estudou na Faculdade de Recife concluindo em 1865. Em Sergipe exerceu os cargos de promotor público da comarca de Laranjeiras, 1866-1869; de inspetor geral das aulas, de novembro de 1869 a 1870; promotor público de Laranjeiras pela segunda vez, removido em maio de 1874 para o Aracaju, cujas funções desempenhou até 1875; deputado provincial nas três legislaturas bienais de 1872-1877.

Inauguração da ponte de Pedra Branca





Arnaldo Garcez apresenta Edelzio Vieira de Melo ao Presidente Getúlio Vargas

João Maynard - desembargador, nasceu no engenho “Saco” município do Rosário do Catete em 8 de janeiro de 1878. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre do Rio de Janeiro, exerceu os cargos de Juiz Municipal do termo de Itabaianinha, sede da então comarca do Rio Real.

José Sotero Vieira de Melo - desembargador, filho de Francisco Vieira de Melo e de Maria Rosa de São José de Melo. Nasceu em Rosário do Catete, em 13 de maio de 1856. Pertenceu a geração dos bacharéis e médicos de Sergipe, que revolucionaram na Faculdade de Direito do Recife e na Faculdade de Medicina da Bahia. Em fevereiro de 1869, com 13 anos, foi levado pelo tio, João Gomes de Melo, o Barão de Maruim, um dos homens mais influentes da Província, para o Rio de Janeiro, onde estudou nos colégios São Salvador e Pinheiro, continuando e concluindo os preparatórios, permanecendo até 1873, quando foi para Recife e ingressou na Faculdade de Direito do Recife.

Patrimônio Histórico de Rosário do Catete

O patrimônio histórico material de Rosário é composto por um conjunto de bens culturais tais como igrejas, engenhos, sobrados e residências centenárias que fazem parte do orgulho maior dos

seus moradores. Eis alguns:

Igreja de Nossa Senhora de Nazaré - Construída em 1709, foi demolida e reconstruída outra no mesmo lugar em 1864 fazendo parte do engenho Catete Novo pertencente ao Barão de Maruim.

Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário - Construção do século XVIII, iniciada em 1746 com sua irmandade é criada em 1779. O convento dos franciscanos abrigou a irmandade de São Benedito no século XVIII. Outro lugar em que o santo era venerado era na povoação de Rosário do Catete, pois na capela da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos e pardos.

Capela da fazenda Caldas - Onde foi enterrado os restos mortais do General Augusto Maynard Gomes. Com venda da fazenda, seus restos mortais foram transferidos para o cemitério Santa Isabel em Aracaju.

Igreja Nossa Senhora do Amparo - Construída no século XIX e restaurada em 1946 por Simeão Machado.

Estação de Trem - Inaugurada em 1914, está passando pelo processo de tombamento pelo IPHAN chamado de “valorização”, será o 1º Tombamento a nível Nacional da cidade. Alguns acontecimentos históricos marcaram a história da estação férrea, em 1924 serviu de embarque de tropas dos tenentes na revolta de 24, comandada por Maynard Gomes, em com-



Sobrado da Rua de Baixo

bate às tropas legalistas em Carmópolis. Na década de 1933 desembarca o então Presidente do Brasil o Sr. Getúlio Vargas para inauguração da Ponte de Pedra Branca. Serviu como terminação de escoamento de açúcar e, mais tarde, como terminal de carga de potássio, sendo usada pela Vale do Rio Doce. Hoje, é sede da banda de Música Luís Ferreira Gomes.

Grupo Escolar Leandro Maciel - Construção da década de 1930 por Augusto Maynard Gomes.

Sobrados da rua de baixo - Construção da segunda metade do século XIX, por dois portugueses que tinham comércio em Maruim. Mais tarde passa a pertencer as famílias de João Batista de Moraes Ribeiro, Manuel Cabral Machado e o outro à família de Leandro Maciel.

Cemitério Paroquial de Rosário do Catete - Em 19 de maio de 1856, o Presidente da Província, Dr. Salvador Correia de Sá e Benevides, dirigiu a circular nº 7 às Câmaras Provinciais incitando-as à instalação de cemitérios e Rosário foi umas das primeiras que tratou do assunto, marcando lugar para a sua necrópole ao sul da Vila. Ficou pronto em 1ª de fevereiro de 1861 e o engenheiro Francisco Pereira da Silva foi o responsável pela obra.

Engenho Serra Negra - Atualmente só existe uma chaminé, no local do engenho. O Serra Negra foi uma pequena propriedade, mas de altíssima produção.

Ele foi o engenho mais importante no período do século XVIII para o XIX, pertenceu a Leandro Maciel (pai) e só entrou em declínio, o proprietário teve necessidade de uma casa maior, por causa da família grande, e o abandona, indo para Japarutuba para o engenho Entre Rios uma propriedade maior e na região litorânea.

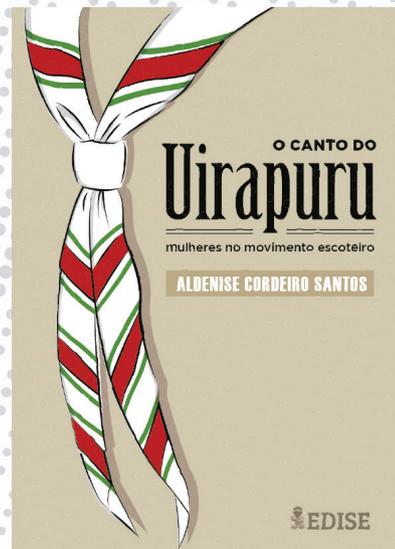
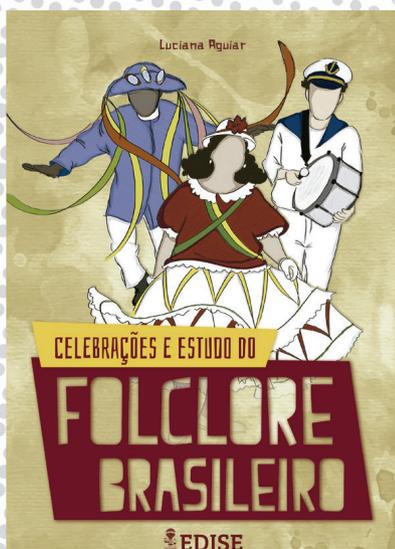
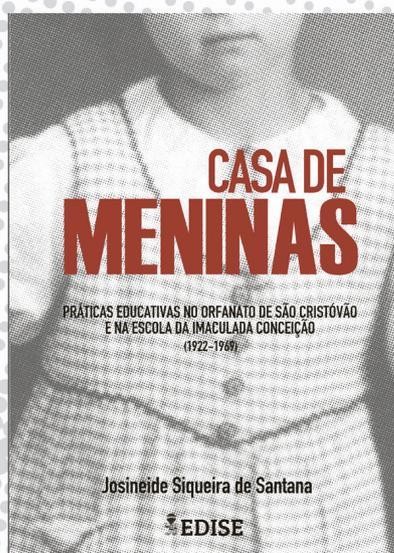
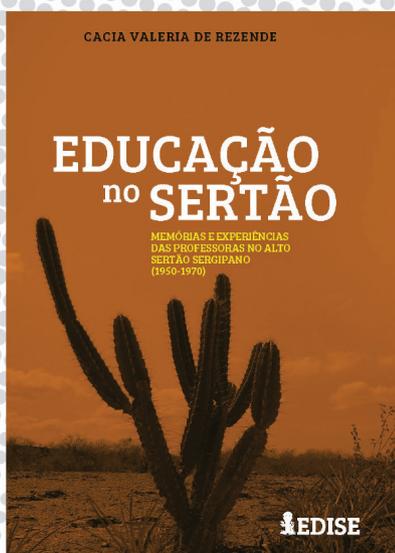
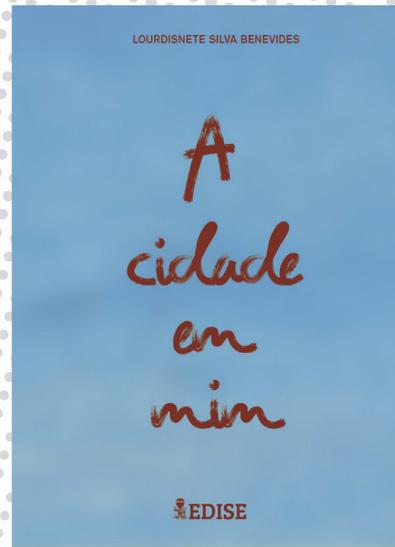
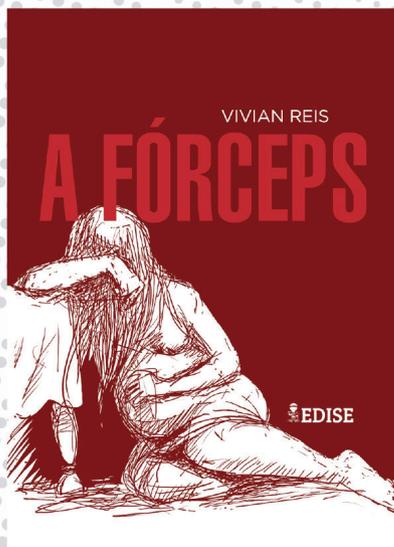
Rosário do Catete teve outros engenhos de grande relevância para a história econômica do estado, tais como: Santa Barbara, Paty, Bom Nome, Oitocentas, Lagoa Grande, Saco, Sitio Novo, Catete velho e Novo, Jurema, Piripiri, Várzea, Jordão, Jucurema, Salobro, Cajá, Marrecas, Bom Sucesso, Capim Assú, Jenipapo, Vazia Grande, Cumbe, Ilha e Campo Redondo.

Hoje, existe uma preocupação e um desejo da administração e dos fazedores de cultura da cidade em expressar e despertar o sentimento de pertencimento e salvaguarda, por parte dos rosarenses, que amam e admiram esta cidade, em prol da manutenção das riquezas materiais e imateriais deste povo. Novos tempos, tempos de conhecer, amar e proteger nossa memória, nossa história e o legado de sua gente, seu maior patrimônio. Esperamos que a sociedade e as autoridades competentes caminhem juntas, norteados pelo desejo de uma cidade melhor e mais eficiente na preservação de suas raízes, rumo ao avanço sociocultural e econômico deste povo. É pra frente de que anda. **C**

Luiz Garcia



“A EDISE tem a grande
satisfação em fazer
parte dessas histórias”.



www.segrase.se.gov.br/edise

 /segrase  @segrase

 segrase@segrase.se.gov.br

Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE

Tel: 79 3205 7421

Tenha nossos livros em sua casa.
Compre pelo site: www.segrase.se.gov.br

